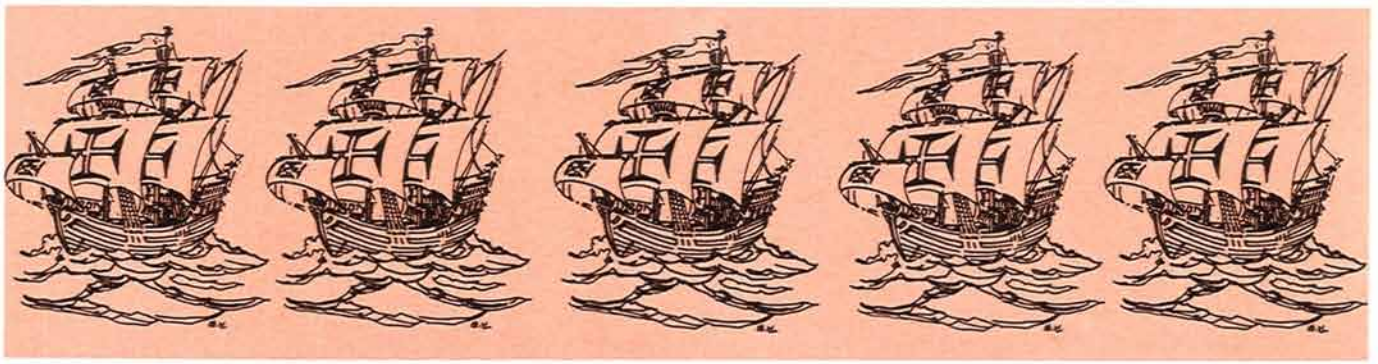
N.º 52 / JANEIRO . 1976 / ANO V

revista da ARMADA

Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
N. Soares	**A Armada na Descolonização de Angola**	4
Vários	**Voz da Abita**	6
Vários	**Saibam Todos**	8
H. Bonjour	**Saudade**	9
L. Vilarinho	**Outras Marinhas**	10
M. Horta	**Desporto**	15
M. do Vale	**Conversa entre Marinheiros**	16
M. Horta	**25 de Novembro outra barreira ultrapassada**	18
M. Horta	**Notícias Pessoais**	20
M. do Vale	**Curiosidades**	21
G. Brandão	**Filatelia**	22
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	24
S. Elpídio	**Reportagem**	25
Vários	**Quarto de Folga**	32



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 52 / JANEIRO 1976 / ANO V

Preço de venda avulso	5$00
Assinaturas anuais:	
Continente, Ilhas, Ultramar, Espanha e Brasil (via normal)	50$00
Estrangeiro, excepto Espanha e Brasil (via normal)	68$00
Ilhas (via aérea)	75$00
Ultramar (via aérea)	137$00

Na capa:

O «Almeida Carvalho» metido num sarilho...

(Foto de A. Fernandes, Fotóg. do Gab. de Fotog. do E. M. A.)

Execução gráfica:
LISGRÁFICA, Impressão e Artes Gráficas, S. A. R. L.

Nota de Abertura

Esclarecendo POSIÇÕES

Julgamos que é altura de dar uma explicação aos leitores sobre a «feição» da nossa Revista, em matéria de política. Pois bem, nesse assunto, como em muitos outros, somos, como agora se diz e no nosso caso com inteira verdade, completamente apartidários, ou pelo menos temos tentado sê-lo. Não quer isto dizer que sejamos indiferentes, e que não tenhamos, cada um, as suas ideias. Pretendemos sim, fazer uma Revista que seja, acima de tudo, um elo de amizade entre todos que serviram, ou servem, esta gloriosa Corporação. E sabe-se quanto a política pode prejudicar esse objectivo...

Temos assistido, emocionados, ao desenrolar dos acontecimentos na procura do melhor caminho para o País, na esperança que havemos de o encontrar. Muitas coisas têm acontecido; grandes tormentas têm feito perigar a segurança da «Nau». No entanto, ela lá vai singrando, penosamente embora, por entre escolhos e perigos e temos fé que chegará, a salvo, ao porto do destino.

Pensando bem, até achamos natural o que se tem passado. Foi como quem abriu uma garrafa de champanhe. É preciso deixar sair o gás e esperar que a espuma assente...

Com.

A ARMADA

na descolonização de Angola

A actividade das forças da Marinha de Guerra Portuguesa no processo de descolonização de Angola poderá dividir-se em três fases distintas.

A primeira, compreendida entre fins de Julho de 1974 e fins de Outubro do mesmo ano, corresponderá ao período em que foram efectuadas diligências junto dos movimentos de libertação para o estabelecimento do cessar-fogo, após a definição dos princípios a que obedeceria o processo de descolonização dos territórios ultramarinos, em discurso proferido pelo Presidente da República no dia 27 de Julho de 1974.

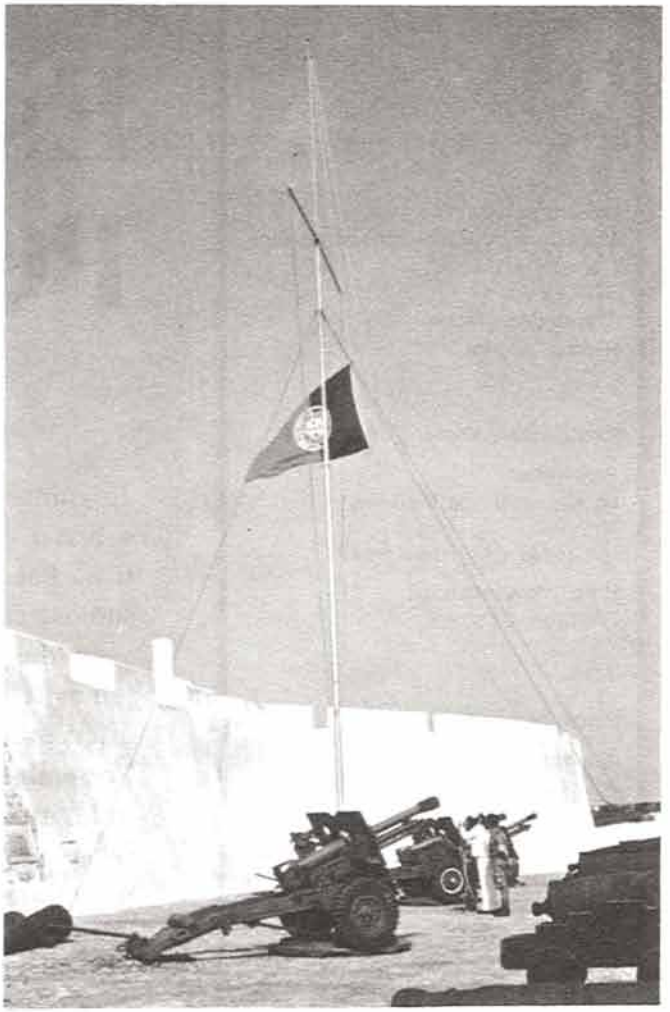
A segunda fase teve início com a suspensão oficial das hostilidades contra os movimentos e corresponde ao período desde fins de Outubro de 1974 até fins de Janeiro seguinte, altura em que é empossado o Governo de Transição decorrente da assinatura do Acordo de Alvor.

A terceira fase começa com a entrada em funcionamento do Governo de Transição e termina na data da independência de Angola: 11 de Novembro de 1975.

Ao longo destas três fases processou-se a retracção do dispositivo e a redução das forças atribuídas ao Comando Naval de Angola, em conformidade com as novas missões que as Forças Armadas passaram a desempenhar em território angolano.

Assim, em 16 e 17 de Julho de 1974 o Destacamento de Fuzileiros Especiais n.º 6 (DFE 6) retirou do Chilombo; o DFE 2 e o pelotão da Companhia de Fuzileiros n.º 6 (CF 6), que se encontravam no Lungué-Bungo, transitaram para Luanda, respectivamente em 30 de Julho e 13 de Agosto daquele ano; a CF 3, colocada em Vila Nova da Armada, regressou a Luanda em 7 de Agosto de 1974; em 5 de Novembro do mesmo ano foi extinto o posto fixo da Quissanga (rio Zaire), tendo sido também extintos os Destacamentos de Marinha do Cuando (Rivungo) e do Cuito, em 27 de Novembro e 12 de Dezembro de 1974, respectivamente; em 28 de Dezembro deste ano iniciou-se a desactivação do posto fixo da Pedra do Feitiço (rio Zaire), o qual foi extinto em 7 de Janeiro de 1975; em 3 de Fevereiro seguinte seguiram para Portugal os patrulhas costeiros «Cacine» e «Mandovi» e em 25 do mesmo mês o «Cunene» e o «Rovuma».

Em meados de Fevereiro foi terminado o estudo da redução dos efectivos a efectuar até 30 de Abril de 1975, conforme o estabelecido no Acordo do Alvor. No que dizia respeito à Marinha, ter-se-ia de preparar a retirada de dois destacamentos de fuzileiros especiais, uma companhia de fuzileiros e perto de 70 militares dos navios e serviços, num total de cerca de 350 homens. De acordo com esta redução, regressaram a Lisboa o DFE 2, o DFE 6 e a CF 8, respectivamente em 15 de Fevereiro, 27 de Março e 24 de Abril de 1975.



No dia 10 de Novembro de 1975, pelas 16.00 horas, o mar. S n.º 473, Antunes, ladeado de uma praça do Exército e de outra da Força Aérea, arria, pela última vez, a bandeira portuguesa na fortaleza de S. Miguel, em Luanda.

A partir de 1 de Março de 1975 foram retirados os meios navais de Cabinda, tendo sido extinta a Esquadrilha de Lanchas do Zaire em 9 de Abril. Em 16 deste mesmo mês retiraram para Luanda dois pelotões da CF 12 que se encontravam em Santo António do Zaire. O Destacamento Marítimo do Cuanza foi extinto em 7 de Maio, sendo o aquartelamento entregue às autoridades administrativas. Em 16 de Junho e em 5 de Julho seguiram para Lisboa, respectivamente, a LDG «Alabarda» e a fragata «Comandante Sacadura Cabral», tendo esta última sido rendida pela fragata «Coman-

Preparativos para a largada da baía de Luanda no dia 10 de Novembro. Ao primeiro minuto do dia 11, os navios suspenderam rumando a Lisboa. Assim terminaram cinco séculos de domínio colonial iniciando-se uma nova era nas relações entre os povos independentes de Portugal e de Angola.

dante Hermenegildo Capelo» que chegou a Luanda no dia 2 de Julho acompanhada pela corveta «General Pereira d'Eça».

Perante o desencadear das confrontações entre os movimentos na cidade de Luanda, em meados de Julho, refugiaram-se nas Instalações Navais da Ilha do Cabo milhares de homens, mulheres e crianças, na sua maioria afectos à FNLA, ali aguardando transporte para as suas zonas de origem, nomeadamente para o norte de Angola (distritos do Zaire e Uíge). Foi nesta altura determinante a acção dos navios da Marinha de Guerra Portuguesa ao transportar refugiados para vários pontos da costa angolana, quer de Luanda para Santo António do Zaire, Lobito ou Moçâmedes, quer do Lobito, de Benguela e de Moçâmedes para Luanda ou Santo António do Zaire, quer ainda de Cabinda para Santo António do Zaire, Lobito, Benguela ou Moçâmedes. Durante os meses de Julho a Outubro os navios da nossa Armada transportaram cerca de 15 000 pessoas, entre elementos civis e militares.

Entretanto continuou a processar-se a redução dos efectivos e a retracção do dispositivo das nossas forças. Desta forma, em 26 de Agosto de 1975 foram extintos o Comando da Defesa Marítima e a Estação Radionaval de Santo António do Zaire e em 3 de Setembro foram abatidos ao efectivo da Armada o navio hidrográfico «Carvalho Araújo» e duas lanchas de desembarque pequenas, que foram entregues aos Serviços de Marinha de Angola. No dia 15 de Setembro foram extintos os Comandos da Defesa Marítima de Cabinda, Luanda. Lobito e Moçâmedes, bem como os postos radionavais ainda em funcionamento. Em 30 do mesmo mês foram abatidas ao efectivo da Armada e entregues aos Serviços de Marinha angolanos as LFG's «Centauro», «Escorpião», «Lira», «Orion» e «Pégaso», as LFP's «Altair», «Espiga», «Fomalhaut», «Júpiter», «Pollux», «Rígel» e «Vénus», assim como quatro LDM's e cinco LDP's.

A fragata «Comandante Roberto Ivens» e o petroleiro «S. Gabriel» chegaram a Luanda no dia 7 de Setembro, vindo a reforçar os meios navais atribuídos ao Comando Naval de Angola para a última fase da descolonização.

Durante todo o mês de Outubro registou-se intensa actividade na Base Naval da Ilha do Cabo, através da qual se fez o embarque de grandes quantidades de bagagens pertencentes aos três ramos das FA's, bem como de elevado número de viaturas militares e civis. Nos últimos dias que antecederam o 11 de Novembro foi particularmente importante a acção das LDG's «Alfange» e «Ariete» no transporte de homens e material de guerra para bordo dos navios fundeados na baía de Luanda.

No dia 10 de Novembro, pelas 16 horas, procedeu-se à cerimónia do arriar da bandeira da fortaleza de S. Miguel, estando presentes o Alto-Comissário, o Comandante-Chefe Adjunto e os chefes militares dos três ramos. Perante as tropas perfiladas e ao som da marcha de continência do clarim, o mar. S n.º 473 Antunes arriou a bandeira portuguesa do mastro da fortaleza, acto que simbolizou o fecho de cinco séculos de domínio colonial e marcou o início de uma nova era nas relações entre os povos de Portugal e de Angola.

Após a cerimónia verificou-se a retirada dos militares portugueses para a Base Naval, pela qual se processou o embarque final das tropas estacionadas em território angolano.

O navio-hospital «Gil Eanes» e os navios de transporte de tropas «Niassa» e «Uige» foram largando sucessivamente da baía de Luanda, sendo acompanhados por uma força naval constituída pelas fragatas «Comandante Roberto Ívens» e «Comandante Hermenegildo Capelo», pela corveta «General Pereira d'Eça» e pelo petroleiro «S. Gabriel».

Ao primeiro minuto do dia 11 de Novembro de 1975, os navios da Marinha de Guerra Portuguesa, fundeados a escassas milhas da costa angolana, suspenderam ferro e fizeram rumo a Portugal, virando assim a última página. da descolonização daquela que foi, durante cerca de quinhentos anos, a maior das colónias portuguesas em África.

Nogueira Soares
Subten. R N

Voz da Abita

Do nosso conhecido «Pezinhos», cabo M, recebemos uma carta que transcrevemos:

«Alfeite, Dezembro de 1975.

«Há dias, eu e mais um «filho da escola», estivemos a discutir a situação político-militar do país enquanto bebíamos umas cervejas num restaurante do Ginjal.

«Palavra puxa palavra, mais isto mais aquilo, direitas-esquerdas, esquerdas-direitas, socialismo, comunismo, marxismo, capitalismo, latifúndios, reforma agrária... enfim, tocámos variadíssimas teclas até que veio à baila a questão da burguesia. Ficámos um tanto ou quanto enrascados porque nenhum de nós estava ao «leme» no assunto. Para aumentar a confusão, sucede, como sabem, haver três espécies de burguesia: alta, média e pequena.

«Afinal de contas, o que é um burguês? E como se distingue se é alto, médio ou pequeno? Pelo dinheiro? E quanto é preciso ter para ser da cada classe? Ou será que se distinga pela instrução que temos? E neste caso, que estudos são necessários para entrar num desses grupos?

«Tanto eu como o «filho da escola» tentámos várias explicações, apresentámos muitos exemplos mas, não ficámos convencidos. E então, resolvemos esclarecer o assunto junto de alguém que fosse capaz de o fazer. Ficou assente que o meu camarada falaria com um oficial amigo, homem desempoeirado, que deve saber disso.

*
* *

«Passados dias, tornámos a encontrar-nos e eu, ávido de politi-

zação, perguntei logo:
«– Então?
«O «filho da escola» engoliu em seco (deu-me a impressão que estava muito embaraçado...).
«– Então, insisti?
«– Bem, começou ele, conforme o combinado, lá fui ter com o tal amigo. Gostou imenso de me ver, falámos de uma célebre viagem que fizemos ao Oriente, lembrámos episódios, tristes e alegres, que nela aconteceram, até que eu disse ao que ia.

«Então, ele pediu que, antes de entrarmos propriamente no assunto, lhe dissesse francamente que ideia tinha eu do que fosse um burguês e se, do meu ponto de vista, ele o era ou não.
«– Respondi que, por estar a «leste» do assunto é que tinha ido ter com ele mas, para já, tinha a certeza absoluta que ele era burguês e eu não.
«E foi nesta altura que ele me interrompeu, esboçando um sorriso gozão que não me agradou nada...
«– Vamos então pôr as cartas na mesa, está bem?
«– O. K. respondi eu, vamos a isso.
«– Ora bem, tu tens alguma casita que seja mesmo tua?
«– Tenho, sim senhor, uma casa de campo, ali para os lados de Vila Franca, que herdei dos meus pais. Estava bastante velhota mas, fiz obras e ficou como nova. Tem tudo que é preciso para quando eu passar à Reserva ir para lá viver.
«– Pois fica sabendo que eu não tenho casa nenhuma; nem no campo, nem na praia, nem na cidade. Vivo num andar alugado...
«E terras, tens?
«– Tenho umas hortas a pegar com a casa, onde cultivo umas hortaliças, umas favas e ervilhas, batatas, etc., e mais um bocado com árvores de fruta e oliveiras.
«– Pois saberás que eu também não tenho terras. Nem um palmo!
«E tens dinheiro no banco?
«– Uns pataquitos...
«– Bom, lá isso também tenho. Não tanto como tu, com certeza, mas apenas uma meia dúzia de contos para qualquer rascada.
«E tens automóvel, claro?
«Também eu.
«Tens filhos?
«– Uma pequena, quase formada.
«– Pois eu tenho dois rapazes que têm sido uns cabulões e desconfio que não chegam a tirar curso nenhum. Nem sei que lhes hei-de fazer...

«No fim deste diálogo, que podia perfeitamente ser ao invés, ficámos a olhar um para o outro. O meu amigo não dizia nem uma nem duas. Não tirava os olhos de mim. Que lhe iria na cabeça?
«Por mim, ia pensando com os meus botões: Querem lá ver que afinal das contas eu também sou burguês! Esta é que eu não esperava... Ah, mas ele de certeza que é... Que culpa temos nós que não tenha casa, nem terras, nem dinheiro? Poupasse-o que foi o que eu fiz... Pelo menos tem galões, que eu não tenho... Por minha culpa, bem sei... Nunca quis estudar... Também há oficiais que têm quintas, prédios, «massa», e cabos que não têm onde cair mortos.

«– E pronto, meu caro «Pezinhos», aqui tens. Pelos vistos, tanto tu como eu, não passamos de uns reles burgueses! E tu então, com essa barriguinha e esse ar abastado, não te safas. Consola-te com a ideia de que és burguês sim, mas... dos pequenos.
«Fiquei pior que estragado. Burguês eu?! Nem pensar. E fui ver ao dicionário:

«Burguês» – *substantivo masculino* de *burgo*). Aquele que habita num burgo. Pessoa pertencente à classe média. *Adjectivo.* Que diz respeito a burgo. Ordinário, trivial: *maneiras burguesas.* Antiartístico: *gostos burgueses*.»
«E comecei a raciocinar. Ora eu habito num burgo... Pertenço à classe média?... Julgo que não mas, não tenho a certeza porque essa coisa de classes também me faz confusão e preciso de me esclarecer... Sou ordinário e trivial? Ordinário não, mas trivial, sou, sim senhor... Tenho gostos antiartísticos? Claro, não gosto de coisas de arte... prefiro o fado, o futebol, a sardinha assada e o vinho tinto...

«Afinal, por mais que isso me pese, sou um pequeno burguês. Não há dúvidas! Habito num burgo e, embora não seja ordinário, sou trivial e antiartístico...
«Mas, o oficial amigo do «filho da escola» também é, porque habita num burgo, como eu, e, não sendo ordinário nem trivial, pertence à classe média...
«Estará certo assim ou ainda estarei enganado?»

Do nosso assinante Ramiro Augusto Moreira da Silveira, ex-mar. FZE n.º 10353, do Porto, recebemos uma carta que transcrevemos:

«Ao ler o n.º 50 da «Revista da Armada» deparei, no verso da contra-capa, com uma fotografia duma unidade naval com a seguinte legenda: «A gente do Porto sempre gostou da Marinha».
«Àcerca da frase eu adiantaria: A gente do Norte, que sempre gostou da Marinha, só tem pena que de há muito tempo o povo desta Região não tenha a alegria de ver, mais a miúdo, uma fragata ou corveta da nossa gloriosa Marinha de Guerra.
«Aqui no Norte, por tradição, diz-se que quando é visto um marinheiro tem-se uma surpresa. Eu, por minha parte, gostaria de ter essa surpresa...
«Espero que este modesto apelo – de quem sente a Marinha nas veias – fosse considerado pelas autoridades navais competentes».

Do nosso assinante e ex-mar. C António Margarido Nuneş Xavier, de Valdigem, Lamego, recebemos uma carta que transcrevemos:

«Exmo. Senhor Comodoro,
«Respeitosas e cordiais saudações para o Senhor e para todos quantos trabalham para a «Briosa» na tarefa de tudo o que diga respeito à «nossa» Revista.
«Sou um ex-mar. C, saído ainda não vai muito tempo do serviço activo; muito cedo vi claramente que me era impossível esquecer do ramo das Forças Armadas a que orgulhosamente pertenci e por ele trabalhei – a Armada.
«Foi neste contexto de ideias que muito antes da minha passagem à Reserva me vi na obrigação de ser assinante da «Revista da Armada», devido ao que ela representava para mim, mas sobretudo ao que viria a representar nesta minha nova situação.
«Aproveitei a oportunidade do pagamento da renovação da assinatura para dar a conhecer a todos quantos aí trabalham o tudo de meritório que essa obra tem perante todos os portugueses, especialmente para os que representaram a Marinha de Guerra.
«(...). Desde já grato e com um grande abraço para todos, me subscrevo atentamente.»

VISÃO OU CERTEZA?

Na bruma do tempo,
no sopro do vento no rumor do [mar
perde-se hora a hora,
esvai-se na chuva,
a pureza desse mandamento
que nos diz: amar!
Esquecimento atroz, iniludível:
Desleixo infame duma geração,
que luta e que mata
sem um fim visível,
que nada encontra estendendo a [mão.
Os homens não se entendem!
Não. Mil vezes não!

Esqueço-me do mundo, penso e [vejo:
Guerras, questões,
sangue, ódio vivo;
lutas infindas, mortes e prisões.
Homens apregoam justiça e paz,
falam em comícios, em reuniões
de fraternidade, de saúde e pão.
Pensam antes neles;
os outros virão.
Os homens não se entendem!
Não. Mil vezes não!

Vejo o meu país, o meu povo [irmão
ferido, sangrando, quase [moribundo
Estremeço!
Já não acredito nas frases [bonitas
ditas só da boca, não do coração.
Mais penso e pergunto:
Isto é o que mereço?
Serei a menor pessoa do [mundo?
Não sou, reconheço,
mesmo assim ajunto:
Quem me dera errar nesta [previsão:
Os homens não se entendem!
Não. Mil vezes não!

Agostinho Fardilha
Ex-mar. L

Saibam Todos

Que pelo facto de os serviços médicos do Hospital da Marinha passarem a ter para além das suas habituais funções assistenciais, também funções pedagógicas médicas (ensino clínico a alunos da Faculdade de Medicina de Lisboa), os respectivos utentes daqueles serviços passarão a estar sujeitos a ser observados pelos referidos alunos, sempre que os monitores médicos o entendam necessário.

Que os beneficiários da ADMA poderão utilizar a Casa de Saúde da Cruz Vermelha em todas as modalidades de assistência médico-sanitária que a mesma possa prestar, quer em regime de internamento quer em regime ambulatório.

Que os beneficiários serão assistidos, normalmente, por médicos da sua escolha.

Que a admissão far-se-á mediante a apresentação do cartão de identidade da ADMA e da medicação do médico assistente.

Que os beneficiários liquidarão os seus débitos directamente à Casa de Saúde e em conformidade com a tabela anexa ao acordo estabelecido com a ADMA. Posteriormente obterão da ADMA a comparticipação que lhes competir. Os honorários médicos serão acordados entre o clínico e o beneficiário e liquidados directamente a este.

Que os beneficiários deverão comunicar à 5.ª Repartição da D. S. do Pessoal («Bem-Estar») qualquer deficiência ocorrida na assistência que lhes tenha sido prestada.

Que os beneficiários da ADMA poderão ser assistidos, nas condições referidas no nosso n.º 49, no distrito de Castelo Branco, no Hos-

pital Distrital desta cidade e nos hospitais concelhios de Belmonte, Fundão, Alpedrinha, Idanha-a-Nova, Oleiros, Penamacor, Proença-a-Nova, Sertã, Vila do Rei e Vila Velha de Ródão.

Que por despacho do chefe do Estado-Maior do Exército, a Messe de Oficiais e Sargentos de Lagos passou a estar dependente da Manutenção Militar (M. M.).

Que à semelhança das outras messes já dependentes da M. M., a Messe de Lagos regular-se-á pelas «Instruções para o funcionamento das messes de oficiais da Manutenção Militar».

Que por se tratar de uma messe com características especiais, visto ser essencialmente de veraneio, a sua utilização foi dividida em 2 períodos:
— De 1 de Junho a 30 de Set.
— De 1 de Out. a 31 de Maio.

Que o primeiro daqueles períodos, no que concerne a alojamentos, se destina exclusivamente a oficiais e sargentos do Exército.

Que no segundo período (1 Out. a 31 Mai.) podem ser recebidas e atendidas inscrições de oficiais e sargentos — e seus familiares — dos restantes ramos das Forças Armadas, desde que haja alojamentos livres, mas continuando, no entanto, os oficiais e sargentos do Exército a ter prioridade na admissão.

Que a citada Messe fornece serviços de alojamento e refeições, independentemente um do outro.

SAUDADE

(Aos marinheiros do passado)

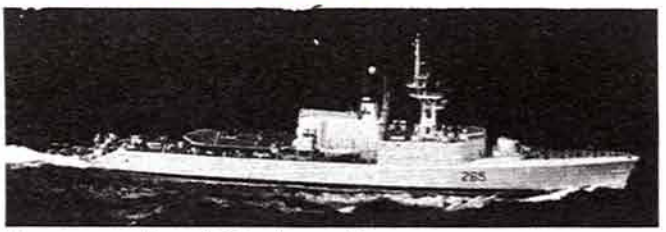
Oh!, marinheiro do passado,
quando a saudade acorda
ainda sentes nas veias
os gritos marítimos
de todos os chamamentos do mar;
o eco das ondas bravias
e o calmo luar a bater nas águas.
Hoje, olhas tristemente,
os barcos onde jamais navegarás.
E sofres no peito
o tempo que passou:
O tempo em que eras forte e jovem
e amavas uma mulher em cada porto,
e te rias da morte e do perigo.
Como te doem os camaradas já mortos
e a saudade de dormires nos braços do mar.
Agora o cais é feito de solidão,
não mais te acenam lenços de adeus,
nem abraços de chegada.
Mas continuas a sentir, teimosamente,
a nostalgia das terras longínquas,
e o rumor do mar
a cantar-te na pele...

Helena Luísa M. Coentro Bonjour
Funcionária da D. S. E. C.

OUTRAS MARINHAS

As Marinhas cuja composição descrevemos rapidamente no número anterior são as únicas que podem ser consideradas com vocação oceânica. As outras só raramente operam longe das suas águas habituais. Vamos rapidamente descrever as mais importantes:

MARINHA CANADIANA



Fragata canadiana ASM «Annapolis».

Compreende uma vintena de escoltas, dos quais quatro mais recentes de 4000 toneladas (classe «Iroquois») apoiados por três grandes petroleiros abastecedores de esquadra. Dois terços desta força permanecem no Atlântico e o outro terço no Pacífico.

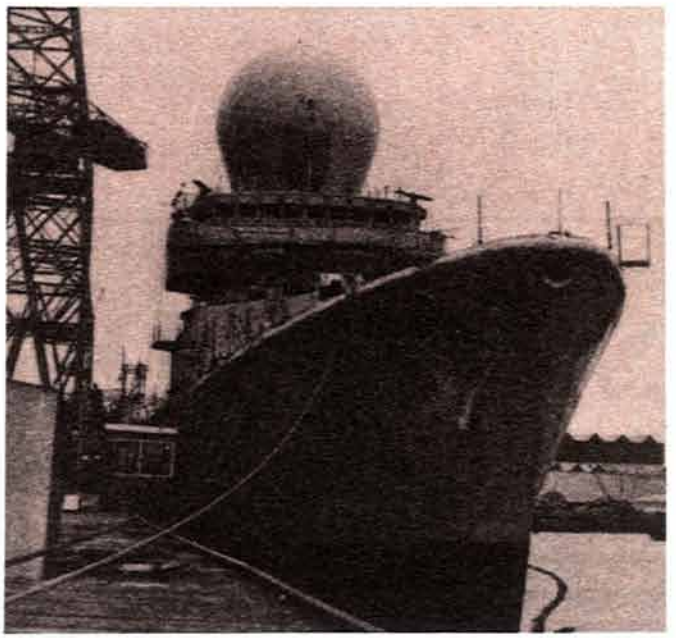
MARINHAS SUL-AMERICANAS

As três mais importantes são as da Argentina, Brasil e Chile. A sua composição é descrita no quadro anexo.
Estas Marinhas, sobretudo as duas primeiras, estão actualmente em pleno desenvolvimento e procuram suplantar-se umas às outras.

MARINHAS NÓRDICAS

As Marinhas da Alemanha Federal e dos Estados nórdicos são essencialmente Marinhas de defesa costeira. A Marinha Federal e a Marinha Dinamarquesa estão encarregadas, no quadro da OTAN, da defesa dos Belts e das aproximações do Báltico.
A Marinha Federal é consequentemente composta de pequenas unidades, vedetas lança-mísseis e vedetas torpedeiras bem adaptadas à este teatro de operações.
A Marinha Norueguesa, por seu turno, tem como missão essencial impedir um adversário vindo do mar de alcançar posições donde possa lançar, como Kriegsmarine (*) na última guerra, operações contra as vias de comunicação marítimas do Ocidente.
Quanto à Marinha Sueca, a sua missão prioritária é fazer respeitar a neutralidade do país e opor-se a uma invasão por mar.

MARINHA HOLANDESA



Contratorpedeiro lança-mísseis holandês «Tromp».

A Marinha Real Holandesa tem por missão principal a defesa das aterragens do país e nomeadamente dos portos de Amsterdão e Roterdão e das suas vias de comunicação marítimas, em colaboração com as outras Marinhas OTAN. Está igualmente encarregada da defesa das Antilhas Holandesas.
Totalizando 130 000 toneladas de navios de vários tipos a sua força principal é constituída por um cruzador lança-mísseis, uma vintena de escoltas e seis submarinos. Estão em experiências

(*) Designação da Marinha de Guerra Alemã na II Guerra Mundial.

MARINHAS EUROPEIAS
(Sem as do Mediterrâneo)

Marinhas	Holanda	R. F. A.	Dinamarca	Noruega	Suécia	Portugal (*)
Pessoal	19 000	39 000	6 000	8 300	16 000	19 500
Cruzadores lança-mísseis	1					
Contratorpedeiros lança-mísseis		3		2	3	
Contratorpedeiros/Escoltas de + de 1000 ton.	17	15	6	3	11	18
Escoltas de – de 1000 ton.	6	6	4	2		
Submarinos clássicos	6	24	6	18	22	3
Patrulhas lança-mísseis	20			20		
Vedetas lança-torpedos	22	20		20	27	

(*) **N. R.**– Sobre a Marinha Portuguesa publica-se em anexo um quadro que inclui as suas unidades navais.

ou em acabamento duas soberbas fragatas lança-mísseis (classe «Tromp») de 4300 toneladas e encomendados os oito primeiros duma série de doze grandes escoltadores de 3500 toneladas.

MARINHAS IBÉRICAS

Fragata portuguesa «Comandante João Belo».

Submarino português «Albacora».

No Sul da Europa, a Marinha Espanhola, devido à posição estratégica da Península Ibérica, ocupa lugar à parte. Foi durante muito tempo o parente pobre das Forças Armadas de Espanha, mas há alguns anos que passa por um período de renovação indiscutível.

Os seus elementos mais significativos são um porta-helicópteros de assalto, o «Dedalo», e cinco fragatas lança-mísseis de 4100 toneladas (classe «Baleares»), assim como quatro submarinos da classe «Daphné», construídos em Cartagena com a ajuda técnica da França.

Dois submarinos de 1200 toneladas da classe «Agosta» vão ser construídos nos mesmos estaleiros e nas mesmas condições.

Por seu lado, a pequena Marinha Portuguesa, desempenha na OTAN, um papel a ter em consideração, na protecção do enorme tráfego marítimo que vem do Mediterrâneo ou do Golfo Pérsico, via Cabo.

A posição estratégica ideal das Canárias e dos Açores valoriza sem contestação estas duas Marinhas.

MARINHA PORTUGUESA

TIPOS	Armados	Desarmados
Fragatas classe «Comte. João Belo» (Classe francesa «Comm. Rivière»)	4	
Fragatas classe «Alm. Pereira da Silva (Classe americana «Baley» e Courtney»)	3	
Fragatas classe «Pero Escobar»		1
Corvetas classe «João Coutinho»	6	
Corvetas classe «Baptista de Andrade»	4	
Submarinos (Classe francesa «Daphné»)	3	
Patrulhas	10	3
Dragas-minas	5	4
Lanchas de fiscalização	9	3
Lanchas de desembarque	13	
Navios hidrográficos	3	
Lanchas hidrográficas	2	
Navios-escolas	1	
Navios logísticos		1
Navios petroleiros	1	
Navios balisadores	1	

MARINHAS MEDITERRÂNICAS

Berço das antigas civilizações de que a nossa é herdeira, o Mediterrâneo constitui ainda, devido ao tráfego intenso que o utiliza – em especial petroleiro –, um teatro marítimo em que se entrechocam naturalmente os interesses das gandes e pequenas potências. É, por outro lado, uma zona politicamente muito instável. Portanto, não é de admirr que os Estados ribeirinhos se interessem cada vez mais pelas suas forças navais para defender os seus interesses, e que Americanos e Soviéticos tentem, ou dominá-lo ou neutralizarem-se mutuamente.

Dessas Marinhas examinaremos primeiro a Marinha Italiana, por ser a mais poderosa entre os Estados ribeirinhos.

MARINHA ITALIANA

A Marinha Italiana tem mais dum século de experiência, visto que nasceu em 1860, da fusão das Marinhas piemontesa e napolitana.

Em 1947, o Tratado de Paris reduziu a Marinha Italiana, que saíra muito diminuída da II Guerra Mundial, a 25 000 homens, dos quais 800 oficiais, mas não lhe permitia ter mais de 30 navios armados, nenhum podendo ser navio de linha nem submarino.

A partir de 1949, o apoio dos Estados Unidos permitiu à Itália refazer a sua economia e abriu-lhe as portas da OTAN.

Desde então, embora com meios reduzidos, mas com uma tenacidade notável, a Itália reconstruiu progressivamente uma força naval eficaz, apesar da indiferença da maioria da opinião pública.

A ajuda americana tem sido importante e permitiu dotá-la de sistemas de armas modernas (mísseis «Tartar» e «Terrier»), implicando contudo, uma dependência logística importante em relação aos Estados Unidos.

Nestas condições, uma das características essenciais da Marinha Italiana, como de resto as suas forças armadas em geral, é a sua forte integração na OTAN. De resto a importância da Itália no seio da OTAN tem aumentado nestes últimos anos.

Desta integração íntima na OTAN e da modicidade dos seus recursos, resulta que as missões da Marinha Italiana sejam de natureza defensiva e de amplitude limitada, dado que a protecção do território nacional depende do potencial americano.

As suas missões principais, são:

– Protecção do tráfego comercial no Mediterrâneo, para o que a esquadra italiana poderia integrar-se muito rapidamente na Sexta Esquadra Americana. Convém lembrar que 95% das importações e 65% das exportações italianas se fazem por mar;
– Controle dos movimentos no Adriático;
– Defesa das costas e dos portos em apoio das forças terrestres e aéreas.

A Marinha Italiana possui actualmente 110 000 toneladas de navios, das quais 80 000 de navios de combate.

A esquadra italiana compreende essencialmente:

– 3 cruzadores lança-mísseis e porta-helicópteros – o «Andrea Doria» e o «Caio Duilio» de 6500 toneladas e o «Vittorio Veneto» de 9000;
– 2 contratorpedeiros lança-mísseis de 4000 toneladas – o «Impávido» e o «Intrépido»;
– Mais outros dois contratorpedeiros lança-mísseis da mesma tonelagem, o «Audace» e o «Ardito», que entraram ao serviço em 1974, sendo as unidades mais modernas da Marinha Italiana;
– 6 contratorpedeiros mais antigos de construção italina ou americana;
– 25 escoltadores e corvetas;
– 12 submarinos, sendo quatro recentes;
– Uns 60 draga-minas;
– Cerca de 30 unidades ligeiras e de desembarque.

A maior parte destes navios têm sido construídos em Itália, sendo grande parte do equipamento electrónico e do armamento de origem americana.

Esta força, bastante considerável, está no entanto longe de atingir as 200 000 toneladas de navios de combate consideradas necessárias, como mínimo, para assegurar eficazmente as missões OTAN da Marinha Italiana.

Existe, todavia, um programa naval italiano, a concluir em 10 anos, cujas linhas gerais são as seguintes:

Cruzador lança-mísseis italiano «Adrea Dória».

- 4 escoltadores lança-mísseis de 2400 toneladas, classe «Lupo»;
- 4 «hydrópteros» de 60 toneladas, de projecto italiano, estando o protótipo já a ser avaliado operacionalmente;
- 4 «hydropteros» de 240 toneladas, projectados em cooperação com os Estados Unidos e a República Federal Alemã, estando o projecto já numa fase avançada;
- 2 submarinos de 1300 toneladas, da classe «Sauro», já em construção;
- 1 navio de apoio logístico de 8000 toneladas, já em construção;
- 1 navio hidrográfico de 1600 toneladas, também em construção;
- 28 helicópteros AB 212 ASM embarcados e 12 SH3 D «Sea King» com base em terra.

Alem destas construções, prevê-se também:

- a transformação de 6 draga-minas em caça-minas;
- Equipar as maiores unidades com mísseis superfície-superfície;
- Instalar nos helicópteros SH3 D o sistema ar-superfície «Marte»;
- Instalar no «Doria» e no «Duilio» o sistema anti-aéreo «Albatroz» e «Sapoc» («Senit» italiano);
- A modernização dos sistemas anti-aéreos «Tartar» e «Terrier».

A Marinha Italiana não tem Aeronáutica Naval. A aviação ASM pertence à Aviação e é posta à disposição da Marinha para sua utilização. Compreende 18 «Breguet Atlantic», baseados em Catania e Cagliari. A Marinha possui contudo helicópteros ASM.

Os efectivos da Marinha Italiana são 45 000 homens, dos quais 5150 oficiais e 8150 sargentos.

O serviço militar obrigatório é de 24 meses na Marinha e 15 nas outras forças armadas, devendo ser reduzido brevemente para 18 a 12 meses, respectivamente.

A Marinha Italiana está organizada da seguinte forma:

- A esquadra;
- As forças de dragagem;
- O agrupamento de meios especiais;
- Os comandos territoriais;
- Organismos diversos.

A esquadra é comandada por um almirante de esquadra (CINCNAV) embarcado no «Vittorio Veneto» e articula-se em quatro Divisões Navais (DINAV), um comando de submarinos (MARICOSOM) e um grupo logístico (COMNAVLOG).

A DINAV 1, em Spezia, e a DINAV 2, em Taranto, são formadas pelas unidades de combate mais modernas. A DINAV 3, também em Taranto, é formada pelos navios de desembarque. Inclui um corpo de infantaria de desembarque, os «lagunari». Por último, a DINAV 4, ainda com base em Taranto é formada pelas unidades ligeiras ao serviço das Escolas.

Em La Spezia há um grupo de nadadores-sapadores comandado por um oficial-general, o COMSUBIN.

O litoral italiano está dividido em quatro departamentos marítimos e dois comandos autónomos: o do Alto Tirreno, em Spezia, o do Baixo Tirreno, em Nápoles, o do Mar Jónio e Canal de Otranto, em Taranto, e o do Adriático, em Ancona e ainda os Comandos Marítimos autónomos da Sardenha, em Cagliari, e da Sicília, em Messina.

A Marinha Italiana dispõe de três bases principais: Spezia, Taranto e Augusta. Tem outras bases secundárias em Nápoles, Ancona, Messina, Veneza, Brindisi, Trapani, Maddalena e Cagliari.

A Escola Nval é em Livorno e há também instalações navais em Porto Ferraio, na ilha de Elba.

MARINHAS MEDITERRÂNICAS

MARINHAS	Espanha	Itália	Jugoslávia	Albânia	Grécia	Turquia	Líbano	Síria	Israel	Egipto	Líbia	Argélia	Tunísia
Pessoal	43 000	44 500	20 000	3 000	13 500	40 000	300	2 500	4 500	15 000	2 000	3 000	2 000
Porta-helicópteros	1												
Cruzadores lança-mísseis		3											
Contratorpedeiros lança-mísseis	5	4											
Contratorpedeiros/Escolta de + de 1000 ton.	23	16			16	18				9	1		1
Escoltadores de – de 1000 ton.	6	12			8	14				9	2		1
Submarinos	8	12			7	18			2 (*)	12			
Patrulhas lança-mísseis		1			4			11	16 (*)	15		9	
Anfíbios de 20 ton.	17	27			30	27		3	13	29			

(*) Mais 2 serão entregues em fins de 1975; (*) Dos quais há 6 destacados no Mar Vermelho.

MARINHA GREGA

A Marinha Helénica enriqueceu-se nos últimos anos com submarinos modernos e quatro vedetas lança-mísseis «Exocet». Acaba de encomendar à indústria francesa quatro grandes patrulhas igualmente equipados com «Exocet» e considera a substituição dos seus velhos contratorpedeiros ex-americanos por unidades rápidas (corvetas).

MARINHA TURCA

A Marinha Turca é no essencial de proveniência da US Navy. Procura, no entanto, libertar-se da tutela americana. Encomendou submarinos e patrulhas lança-mísseis na República Federal Alemã e começa a equipar-se com unidades construídas nos sesus próprios estaleiros.

MARINHA ISRAELITA

Patrulha lança-mísseis israelita «Rchef».

A Marinha de Israel, unicamente composta de unidades ligeiras, na maior parte lança-mísseis, está primorosamente treinada e orgulhosa dos seus sucessos em Outubro de 1973. Possui agora uma indústria de construção naval capaz de satisfazer as suas necessidades e também de construir para o estrangeiro. É assim que a África do Sul lhe encomendou três patrulhas lança-mísseis de 400 toneladas. Exporta também os seus mísseis superfície-superfície «Gabriel».

MARINHAS DOS PAÍSES DO MEDITERRÂNEO SUL E ORIENTAL

Nas margens Meridional e Oriental do Mediterrâneo assiste-se desde há anos à eclosão de pequenas Marinhas que não têm ainda, como as da África do Norte, missões de defesa costeira. Contudo, a Líbia mostra ter ambições marítimas e conta, com a ajuda que espera ter da URSS, dispôr dentro de pouco tempo duma força naval equivalente, pelo menos, à do Egipto. A importância estratégica deste último país não precisa já de ser demonstrada e a reabertura do Canal do Suez, ainda a aumenta. Graças à ajuda que a URSS lhe não tem regateado, soube criar uma Marinha que é, de momento, a mais importante dos países árabes. Tendo feito boa figura durante a guerra do Kippur, espera agora aumentar o seu potencial graças à aquisição de material no Ocidente.

AS MARINHAS INDIANA E PAQUISTANESA

A Marinha Indiana é a mais importante dos países ribeirinhos do Oceano Índico. Equipada desde o início com material de origem britânica, enriqueceu-se nos últimos anos com uma dezena de submarinos e outra dezena de escoltas comprados na URSS, enquanto montava a sua própria indústria naval. A Índia já pode construir escoltas de 3000 toneladas.

O Paquistão dispõe duma pequena força naval, bem treinada, cuja parte mais moderna é representada por três submarinos da classe francesa «Daphné». Assinou recentemente um acordo de cooperação com o Irão para protecção das fronteiras marítimas dos dois países.

A MARINHA SUL-AFRICANA

A posição estratégica da África do Sul, que lhe permite controlar o enorme tráfego (12 000 navios por ano) que contornam o Cabo, dá à Marinha Sul-Africana grandes responsabilidades. Por isso não é de estranhar que o Governo procure aumentar os seus meios.

Durante muito tempo tributária da Grã-Bretanha para o seu material de guerra, a África do Sul, nestes últimos anos voltou-se para outros fornecedores, entre eles a França. É assim que mandou construir nos estaleiros franceses três submarinos classe «Daphné» e interessa-se neste momento pelos da classe «Agosta» assim como pelos avisos da classe A59. Já dissemos atrás que encomendou três patrulhas em Israel, reservando-se a possibilidade de construir mais três navios semelhantes, nos seus estaleiros de Durban.

AS MARINHAS JAPONESA E CHINESA

Dotada de unidades de construção recente, a Marinha Japonesa, é, a seguir à que a URSS mantém no Pacífico, a mais poderosa dos países asiáticos. Um programa muito importante de construções novas, já em execução, dar-lhe-á no fim do presente decénio uma esquadra ligeira (fragatas, contratorpedeiros, escoltas e submarinos) completamente moderna.

OUTRAS MARINHAS

MARINHAS	Brasil	Argentina	Chile	África do Sul	Índia	Irão	Japão	Austrália
Pessoal	43 000	33 000	18 000	4 400	30 000	13 000	45 000	17 000
Porta-aviões	1	1			1			1
Cruzadores	1	2	3		2			
Contratorpedeiros lança-mísseis							1	3
Contratorpedeiros/Escoltas de + de 1000 tons.	14	8	12	9	26	6	45	9
Escoltadores de – de 1000 ton.	10	3				4	20	
Submarinos	7	4	2	3	10		16	4

Escoltador japonês «Asagumo».

Já hoje a Marinha Nipónica vem a seguir à francesa pelo número de submarinos modernos (18), mas é preciso acrescentar que nenhum é de propulsão nuclear e que o Japão, nação que se declara pacífica, não os deseja construir.

É de notar contudo a importância dos seus efectivos (45 000 homens), assim como a capacidade dos estaleiros japoneses o que permitiria, se a conjuntura internacional o necessitasse, que o potencial desta Marinha fosse rapidamente duplicado.

A Marinha da República Popular da China é composta principalmente de numerosas unidades ligeiras, submarinos, patrulhas, «Hydropteros» e vedetas lança-mísseis.

A MARINHA IRANIANA

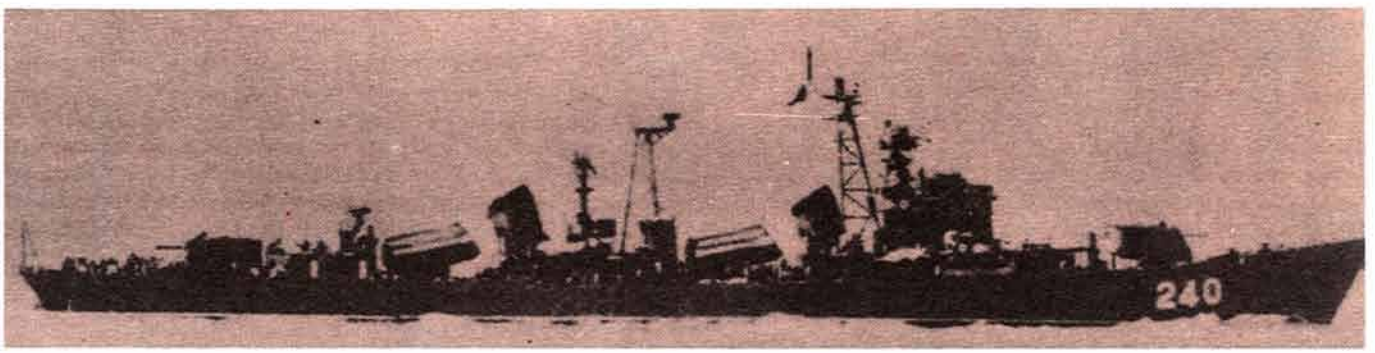
Dominando totalmente o Golfo Pérsico, ambiciona, sob o impulso do Schah tornar-se a maior Marinha do Oceano Índico. Encomendou nos Estados Unidos 6 super-contratorpedeiros de 7600 toneladas, da classe «Spruanace», vedetas lança-mísseis nos estaleiros franceses e considera actualmente vir a dotar-se de porta-aviões. Depois de se ter interessado pelo Sea Control Ship americano (pequena unidade porta-aviões/porta-hélis de 14 000 toneladas, com propulsão por turbinas de gás), pensa, agora que a Marinha Americana renunciou a este projecto, adquirir uma unidade da classe do «Invincible» britânico. Este, actualmente em construção, é um curzador de comando de porta-aviões, de 20 000 toneladas, com convés corrido, podendo operar helicópteros ASM e aviões «Harrier».

MARINHAS DOS PAÍSES EM VIAS DE DESENVOLVIMENTO

Não deveremos fechar este rápido resumo acerca das Marinhas mundiais sem lembrar que os países em vias de desenvolvimento,com litoral marítimo, logo que adquiriram a independência, se apressaram a constituir uma pequena força naval para afirmar a sua soberania e defender as suas águas territoriais. Estes países recorreram seja à União Soviética, seja à China ou às nações ocidentais. Esta ajuda não foi regateada, a tal ponto que algumas destas pequenas nações estão agora equipadas com unidades ligeiras ultra-modernas, muitas vezes dotadas de mísseis anti-superfície. Isto dá-lhes uma capacidade ofensiva considerável o que não deixa de constituir uma certa ameaça, sobretudo quando estas pequenas Marinhas controlam passagens obrigatórias.

Tradução livre e adaptação do com. Leal Vilarinho do «Cols Bleus» n.ºs 1377 de 17-5-75 e 1885 de 12 e 19-7-75.

Contratorpedeiro lança-mísseis chinês «Luta».



NAVIOS EM CONSTRUÇÃO NAS MARINHAS PRINCIPAIS

PAÍSES	E. U.	URSS	Grã-Bretanha	França	Holanda	Itália	RFA	Espanha	Argentina	Brasil	Irão	Japão
Submarinos nucleares lança-mísseis	1	10		3								
Porta	aviões/	Porta-hélis										
Cruzadores lança-mísseis	4	2 a 3										
Contratorpedeiros lança-mísseis		8 a 10	5	2	2			2	2	6		2
Corvetas A70				3								
Contratorpedeiros/Escoltas de – de 1000 ton.	31		8		8	4					6	7
Submarinos nucleares de ataque	24	8 a 12	3	1								
Submarinos clássicos				4		2		2	2	3		4
Patrulhas lança-mísseis	2	15 a 20					10					
Avisos A59					(a)							

(a) 13 até 1980.

– Alguns destes navios estão em experiência, outros em construção ou encomendados, não havendo sempre informações precisas;
– Os porta-aviões americanos são o «Eisenhower» e o «Charles Vinson», de propulsão nuclear e de 90 000 toneladas;
– Os porta-aviões russos são o «Kiev» e o «Minsk» de 30 a 35 000 toneladas. (Estarão equipados com aviões ADAC/ADAV);
– O cruzador inglês é o «Invincible», cruzador ASM de convés corrido com helicópteros ASM e aviões «Harrier».

Desporto

CAMPEONATO DE FUTEBOL DE CINCO DAS FORÇAS ARMADAS

De 10 a 13 de Novembro findo decorreu na Base Aérea n.º 2, em Ota, o Campeonato de Futebol de Cinco das Forças Armadas, no qual a Armada esteve representada pela equipa da Central Transmissora de Monsanto, recente vencedora do Torneio da Armada 1975 da modalidade.
Os resultados obtidos pela equipa da Armada, foram os seguintes:

Exército 4 – Armada 1
Armada 2 – G. N. R. 0
Força Aérea 3 – Armada 2

A equipa da Armada após a distribuição dos prémios.

O Campeonato foi ganho pela equipa do Exército, tendo a representação da Armada obtido o 3.º lugar.

A EQUIPA DA ESCOLA NAVAL VENCEU O TORNEIO DE ANDEBOL

A equipa da Escola Naval, brilhante vencedora do Torneio.

O conjunto da Esquadrilha de Submarinos, que se classificou em 2.º lugar.

O Torneio de Andebol da D. S. E. F. decorreu em Novembro e Dezembro findos e a ele concorreram as equipas representativas da Direcção do Serviço de Educação Física, da Escola Naval, da Força de Fuzileiros do Continente, do patrulha «Geba», das Instalações Navais de Alcântara, da Direcção do Serviço de Abastecimento, das fragatas «Almirante Pereira da Silva» e «Comandante João Belo», da Esquadrilha de Submarinos, da Direcção dos Serviços de Electricidade e Comunicações, da Flotilha de Draga-Minas, da Central Transmissora de Monsanto, do Comando de Segurança e Defesa do Edifício do Ministério da Marinha, da Companhia de Fuzileiros n.º 11 e do Grupo n.º 2 de Escola da Ar-

A turma do Comando de Segurança e Defesa do Edifício do Ministério da Marinha, 3.º classificado da competição.

mada. As equipas concorrentes foram divididas, por sorteio, em quatro séries, cujos 1.°s e 2.°s classificados disputaram entre si as meias-finais, com os seguintes resultados:

C. S. D. M. 8 – Esq. Submarinos 20
Escola Naval 20 –G2EA 12

na final, a equipa da Escola Naval venceu dificilmente a da Esquadrilha de Submarinos por 16-15, após um jogo em que teve de haver prolongamento, dado que ao fim do tempo regulamentar o resultado era de 10 golos para cada equipa. Para apuramento dos 3.°s e 4.°s lugares jogaram as turmas do C. S. D. M. e do G2EA, tendo a primeira vencido por 11-10.

M. Horta
Sarg.-aj. L

Conversa entre Marinheiros...

Conversa conduzida pelo com. M. do Vale. Fotos do 2.°-sarg. CM R. Magalhães e de A. Fernandes, fotógrafo do Gabinete de Desenho e Fotografia do E. M. A.

Intervenientes: «Revista da Armada» (R. A.), 1.°-sarg. MQ Encarnação Figueira (E. F.) e cap.-m.-g. Basto Carreira (B. C.).

Nesta secção vamos dando a conhecer aos leitores alguns marinheiros com especial vocação «para isto ou para aquilo».

Cabe agora a vez ao 1.°-sarg. MQ José Augusto da Encarnação Figueira, de 40 anos de idade e 20 de serviço na Armada, que é modelista de navios.

E. F. — Comecei com esta «mania» logo que assentei praça na Armada. Porém, os primeiros modelos sairam-me muito toscos porque não sabia trabalhar com madeira. Perguntando a uns e a outros cá fui aprendendo umas coisas...

«Até agora, fiz modelos de quatro dragas, uma repulsora de dragados e dois batelões, todos dos Serviços de Marinha de Moçambique, quando ali estive em comissão, de 1964 a 1969; fiz a barca «Sagres», durante o ano de 1970 em que lá estive embarcado; e a LFG «Orion», na Guiné, quando lá estive também embarcado em 1973.

«E é tudo... Tenho vários trabalhos entre mãos, uns já em fase adiantada, outros apenas começados.

«Trabalho sempre à escala de 1/100 e só tendo acesso aos desenhos originais dos navios, como tenho tido, é que posso reproduzi-los em todos os pormenores. No modelo da «Sagres», por exemplo, desde as tábuas do convés, rodas de leme, peças de artilharia, etc., tudo está feito em escala.

R. A. — Tem tido muitas dificuldades para construir os seus modelos?

E. F. — Luto sobretudo com falta de ferramentas apropriadas e de moldes. Quanto às primeiras, uso torno mecânico, serras de madeira e de metais, formões, alicates, limas, pinças e outras que eu próprio improviso, algumas tão pequenas que quando caem no chão tem de vir a mulher e os filhos ajudar a procurá-las. Às vezes até mete lupa! Quanto a moldes e contra-moldes, não tenho outro remédio senão fazê-los também.

R. A. — E quais são os materiais que utiliza?

E. F. — Para casco, convés e mastros, uso madeira; para o resto emprego ouro mouro, latão, arame de cobre, etc.

R. A. — E para ligar os vários materiais?

E. F. — Uso apenas colas porque não me é possível empregar solda em metais tão delicados.

R. A. — Leva muito tempo a fazer um modelo?

E. F. — Na «Sagres», calculo ter gasto umas 400 horas! Estes trabalhos saturam e cansam a vista. É precisa muita paciência, e muita força de vontade, para chegar ao fim. Mas, quando se acaba, sabe bem...

R. A. — Já vendeu algum dos seus modelos?

E. F. — Não. Quando comecei a «Sagres» foi a pedido do Museu de Marinha mas, entretanto, fui para o Ultramar e só muito mais tarde a terminei. Como não havia compromisso, nem do Museu para a comprar, nem de mim para a vender, fiquei com ela e agora, confesso, ganhei-lhe amizade. Regalo-me a olhar para ela

*

E, na senda das apresentações, mais um marinheiro com vocação especial para... marinheiro. Chama-se Carlos Augusto Ferreira Pinto Basto Carreira, é capitão-de-mar-e-

-guerra reformado e nunca foi outra coisa senão marinheiro. E tão marinheiro foi, e tão marinheiro é ainda, que talvez seja o assinante e colaborador mais interessado da Revista. Todos os meses, logo que ela sai, vem ele próprio buscá-la e, segundo diz, lê-a de ponta a ponta, «porque ela sabe a sal e cheira a maresia!»

E tão marinheiro foi, que até pegou a doença do mar a sua mulher, D. Luísa S. B. Carreira, com o curso de pintura das Belas Artes, que tem vários quadros de assuntos marítimos, incluindo uma linda colecção de desenhos aguarelados de uniformes da Marinha Francesa do último século.

R. A. — Senhor Comandante, é um prazer apresentá-lo aos nossos leitores. E digo apresentá-lo porque apenas os mais velhotes o conheceram ainda no Activo.

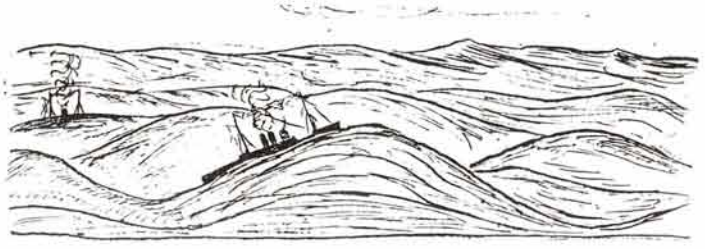
«Conte-nos o que foi a sua vida na Armada e faça os comentários que entender. Prometemos interrompê-lo o menos possível.

B. C. — Como terão ocasião de constatar no decorrer desta conversa, fui o que em gíria marinheira se chama um «oficial do troço do mar», isto é, sou daqueles que andam sempre em comissões de rotina — navios, repartições e escolas — que não dão honras nem proveito a ninguém...

«Começarei a minha conversa com um verso, cujo autor desconheço, e que vai certamente avivar saudades aos que já não vão ao mar e têm de se contentar a ver os navios do Ato de Santa Catarina.

«Só tive contentamento
Escutando a voz do vento
Nas gáveas a sibilar
Quando sem medo do perigo
Tinha as nuvens por abrigo
E por companheiro o mar.»

«Quere isto dizer que os marinheiros que se prezam odeiam a «Nau de Pedra» e o «Mar da Palha» e o que querem é andar no mar.



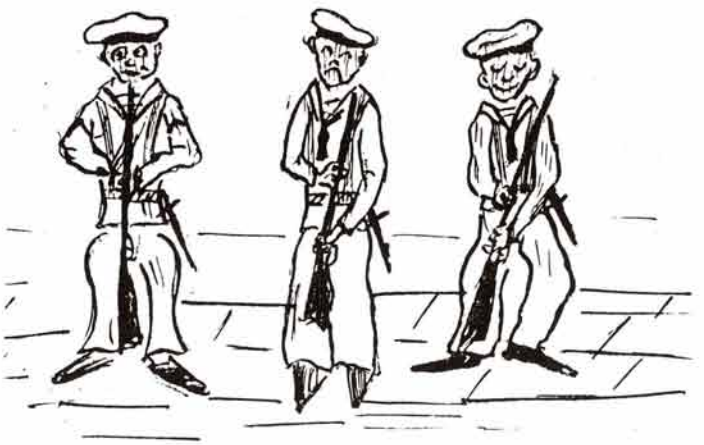
— No banco das agulhas.

«E para completar o sentido destes versos, há ainda outros, provavelmente do mesmo autor, feitos em momento de desânimo, com o navio fundeado no Tejo:

«Para adormecer num rio
Junto aos pés duma cidade
Não foi feito o meu navio
Que zomba da tempestade.»

«Estes e outros versos eram cantados, e bem, em fado de Coimbra, pelo então guarda-marinha Alberto de Campos, no Périplo de África. Bons tempos...

«E por falar no Périplo... Foi realmente uma viagem memorável, daquelas que jamais se esquecem. Durou seis meses e dela tenho um diário com impressões e desenhos feitos por mim, como os que são reproduzidos nesta conversa.



Firme!! Sentido!!!!?
A guarda forma com balanço

«Na escala de Lourenço Marques fomos obsequiados com um jantar no Clube Inglês. O respectivo presidente — inglês, claro — ao brindar frisou o seu espanto por ver os oficiais portugueses tão «branquinhos», apesar de saírem de navios tão pequenos e com tão poucas comodidades! Também se mostrou admirado por saber que tinha havido muitos voluntários para aquela viagem...

«A certa altura, um guarda-marinha, já «bastante animado», levantou-se e erguendo o seu copo, saudou o Alto-Comissário assim:

«Quibunqué... quibunqué... quibunqué.»

«Ficou toda a gente aflita mas, os guarda-marinhas nunca se enrascam e por isso responderam todos:

«Banguê...»

«Explicou-se, e era verdade, que isto é uma saudação que tínhamos aprendido na Guiné com os Mandingas.

R. A. — Senhor Comandante, onde nasceu e porque veio para a Marinha?

B. C. — Nasci na cidade de Leiria em 1901 e vim para a Marinha... nem sei bem porquê. Talvez porque lia muitos livros de viagens, talvez porque um tio meu que era oficial de Armada — o almirante Pinto Basto — me facilitou a visita a vários navios de guerra, talvez pelo «bichinho do mar» que todos temos dentro de nós... Enfim, vim.

«Assentei praça em 1920, cheio de entusiasmo e ansioso por navegar.

(Continua na pág. 20)

25 de Novembro-Out

No dia 25 de Novembro último, novo golpe contra-revolucionário pretendeu alterar o curso da política iniciada na madrugada de 25 de Abril de 1974. Sobre os acontecimentos, que levariam o Presidente da República a decretar o estado de sítio para a zona da Região Militar de Lisboa, e em que o país esteve à beira de uma guerra civil, transcrevemos o comunicado do Estado-Maior General das Forças Armadas, que, em síntese, nos dá a imagem do ocorrido:

«Tem sido preocupação deste EMGFA respeitar, em todos os seus comunicados e notas oficiosas, uma rigorosa política de verdade. O progressivo conhecimento dos factos confirma a confiança das populações, contra todos os detractores interessados em servir-se da mentira para melhor se lançarem no caminho da guerra civil.

«Recorda-se que foi logo evidente, na tarde de terça-feira, que os soldados pára-quedistas envolvidos na ocupação de vários estabelecimentos da Força Aérea estavam sendo manipulados por forças políticas que visavam muito mais alto do que a contestação dos generais Morais e Silva e Pinho Freire. A criminosa utilização dos militares era obviamente envolvida numa manobra política mais vasta.

«O conhecimento deste facto fez com que se procurasse, desde o início, que as acções armadas só fossem ordenadas depois de esgotados todos os recursos de persuasão sobre os militares sublevados, atitude que o Presidente da República repetidamente tomou, aconselhando-os a reconsiderarem a sua posição.

«O pouco envolvimento das massas populares nesta irresponsável aventura confirma a sua origem cupulista, sendo notável o sucedido na Base Aérea n.º 5, em Monte Real, onde as massas colaboraram, pelo contrário, na desmobilização dos soldados iludidos.

«Foi ainda preocupação dominante das Forças Armadas, honrando uma tradição iniciada na madrugada de 25 de Abril de 1974, evitar a todo o custo o derramamento de sangue entre portugueses, só respondendo pelas armas quando rigorosamente necessário e inevitável. Assim aconteceu à entrada do Regimento de Polícia Militar, onde os primeiros a cair foram elementos da força de Comandos, vitimados por balas disparadas do RPM, onde se encontravam, de mistura com os soldados da unidade, civis armados.

«Contrariando frontalmente o disposto por este Estado-Maior General das Forças Armadas quanto ao cumprimento do estado de sítio, alguns sindicatos e outras organizações tentaram promover greves e manifestações públicas. Nesta tentativa ocuparam lugar de destaque, no decorrer da tarde de 25, certos órgãos da comunicação social visivelmente interessados em alimentar a fogueira que já se ateava entre portugueses. A tais atitudes criminosas se respondeu com a devida firmeza, a qual tornou inevitável, infelizmente, a restrição, ainda em vigor, dos direitos de reunião e de expressão.

«Outro terreno em que os boateiros procuraram fomentar a inquietação das massas populares foi o da sua subsistência, propalando o esgotamento próximo dos géneros alimentícios, e tentando criar uma corrida aos estabelecimentos que os fornecem. A isso se respondeu activando a vigilância das

ra barreira ultrapassada

brigadas de Fiscalização Económica, contra todas as práticas de açambarcamento. Foi já noticiada a prisão de um açambarcador em Setúbal, o qual foi entregue à autoridade judicial. Pede-se à população que recupere em todas as situações o bom senso e a confiança, não adquirindo injustificadamente quantidades anormais de produtos, que irão fazer falta a outros consumidores.

«Também a artificial divisão do país em duas zonas antagónicas, criminosamente tentada pelos que planeavam as acções do dia 25 de Novembro, se desmascara em face do apoio insignificante que a intentona conseguiu recolher entre as populações a sul do Tejo. Só se registaram algumas movimentações de massas no Barreiro e em torno do Forte de Almada, sendo esta última desmobilizada com o contributo de uma força de fuzileiros. Em Setúbal, uma autonomeada «comissão de luta» serviu-se da instalação sonora da Câmara Municipal para tentar agrupar civís junto do Regimento de Infantaria local, mas os seus intentos foram gorados pela pouca receptividade da população e a chegada de reforços da Guarnição Militar de Estremoz.

«Reafirma-se que não há prisões indiscriminadas nem pretensas «listas negras» de personalidades a deter, estando a ser seguida, pelo contrário, uma política cuidadosa de só limitar a liberdade de indivíduos manifestamente envolvidos no golpe político-militar de terça-feira.

«Quanto à actual campanha, que determinadas organizações políticas tentam já iniciar, de que se perdeu, em Portugal, a liberdade, a democracia e a esperança do socialismo, o povo se encarregará de a desmascarar, com a mesma lucidez com que, desde há muito tempo, aprendeu a distinguir os seus verdadeiros amigos de quantos, por oportunismo apressado, nasceram para a Revolução, no 26 de Abril.

«Não estão ameaçadas as conquistas penosamente conseguidas pelo Movimento das Forças Armadas, que novamente assume as suas inteiras responsabilidades, tão atento aos «criminosos vendedores de ilusões» da pseudo-esquerda como saudosos do fascismo que julgam poder recuperar agora a seu favor a presente situação de crise.

«Saibam todos os provocadores e aventureiros que este Estado-Maior General das Forças Armadas responderá firmente a toda e qualquer tentativa que, como as que foram acima enunciadas, vise lançar a inquietação e a discórdia entre os portugueses».

Como consequência do ocorrido, o vice-almirante Rosa Coutinho demitiu-se do Conselho da Revolução, tendo sido emitido um comunicado assinado pelo Presidente da República em que se afirma que aquele Conselho «resolveu aceitar, em consequência, a sua declaração de renúncia, a qual deverá ser ratificada pela próxima assembleia do MFA da Armada, esclarecendo, porém, que esta resolução nada tem a ver com a sublevação militar de 25 de Novembro, durante a qual a acção do almirante Rosa Coutinho se norteou pelos mais altos interesses do País e da Marinha».

O capitão-tenente Almada Contreiras viria a ser demitido de conselheiro da Revolução.

M. Horta
Sarg.-aj. L

(Continuação da pág. 17)

«No fim do 1.º ano da Escola Naval, embarquei finalmente no cruzador «S. Gabriel» mas... passei as férias a três divisões no Tejo!

«No 2.º ano tornei a embarcar, desta vez no cruzador «Vasco da Gama» e para navegar. Fomos à Madeira e aos Açores.

— Ainda há um lugar —

«No 3.º ano, para variar, novamente o «Vasco» e... Madeira e Açores!

«Depois, em segundo e primeiro-tenente, foi um fartote! Corri todas as antigas colónias com excepção de Macau e Timor, uma coisa que me ficou sempre atravessada...

«Tenho muitos álbuns de fotografias que às vezes desfolho e me transportam a esses tempos felizes.

«Em capitão-tenente e capitão-de-fragata também embarquei algumas vezes e fui capitão do porto de Aveiro onde lancei a ideia, que ainda hoje está em voga, de fazer um concurso, na feira de Março, para os moliceiros com desenhos mais bonitos à proa e à popa. Alguns são lindíssimos e vale a pena ir vê-los...

«Em capitão-de-mar-e-guerra, não embarquei. É sina dos oficiais em Marinhas pequenas... Fui chefe do Departamento Marítimo do Norte, onde a Armada, como sabe, goza de grandes simpatias e onde eu, como seu representante, tive muitas provas de estima e consideração.

«Infelizmente não passei desse posto; nem todos podem ser oficiais generais...

«Já na Reserva, fui director do Instituto de Socorros a Náufragos, onde fundei um boletim que, infelizmente, deixou de se publicar.

«E agora, na Reforma, seguindo o velho adágio de que «parar é morrer», dedico-me a estudar a história do Egipto. Não calcula como é interessante! Comecei nos Faraós e quero chegar a Sadate...

«E pronto, não quero abusar da Revista e termino com uma declaração solene:

«Tudo o que sou devo-o à Armada que foi, é, e será sempre uma grande escola de formação de homens. O contacto com o mar, a rudeza da vida de bordo e a estreita convivência com gente proveniente de todas as camadas sociais fazem da Marinha um caso único na formação do carácter. Não se sai de cá com dinheiro mas, sai-se rico de espírito...

R. A. — Como se vê, toda a gente tem a sua história. Quem diria que o comandante Carreira, tão modesto e tão sóbrio de palavras e gestos tinha tanto que contar?!

«E isto é só uma amostra, que muita coisa ficou no saco...

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

Temos o prazer de anunciar o enlace dos seguintes camaradas, aos quais desejamos as maiores felicidades:

1.º-ten. EMQ Joaquim António Leal Martins com D. Maria Alice Martins de Barros, em 13-10-75.

2.º-ten. SG Mário da Conceição Baptista com D. Aurélia Nunes de Melo, em 18-11-75.

Guarda-marinha Francisco Joaquim Vaz Leitão com D. Ana Maria da Rocha Carvalho, em 4-10-75.

Asp. RN Alfredo Manuel Castanheira dos Santos com D. Maria de Lourdes Antunes da Silva, em 5-10-75.

1.º-sarg. AEA José Lourenço Magueijo com D. Hortense Oliveira dos Santos, em 11-10-75.

2.º-sarg. ARE Rogério Queimado Carrilho com D. Maria Inácia Capucho Mendes, em 13-10-75.

2302/Cabo CM António Guilherme da Luz com D. Maria Alice Reis, em 15-10-75.

530/64/Mar. M Joaquim Pereira Rodrigues Lisboa com D. Maria Amélia Cerqueira da Silva, em 11-10-75.

908/70/Mar. M Carlos Manuel C. B. Romero com D. Valentina Maria Silva dos Reis, em 4-10-75.

1864/70/Mar. T SUS Armando Ferreira Lobato com D. Alice Manuela Alves Gaitas, em 19-10-75.

1278/73/Mar. C Augusto Luís Brissos Laje com D. Rosa Maria Viveiros Arrude, em 12-10-75.

404/73/1.º-gr. S José Alberto Peres Soares com D. Maria Isabel Soares da Cruz, em 4-10-75.

1552/73/1.º-gr. A Henrique Manuel Bessa Girão com D. Alcinda da Paz Santos, em 12-10-75.

337/75/2.º-gr. CM António Joaquim Cerqueira da Silva com D. Laurentina Maria da Costa Moreira, em 12-10-75.

PASSAGENS À RESERVA

1.º-ten. ECN António Fernandes Vasconcelos da Cunha, em 3-11-75.
1.º-ten. FZ António Bento Martins Ferraz, em 10-11-75.
Sar.-aj. B José Rodrigues de Almeida, em 4/11/75.
1.º-sarg. C Francisco Estêvão Apolinário, em 23-10-75.
1.º-sarg. C Manuel Dias, em 23-10-75.
1.º-sarg. E José Ferreira Faria, em 28-10-75.
1.º-sarg. C Francisco Dias Mendes Gordo, em 28-10-75.
1.º-sarg. A José Maria Russo, em 31-10-75.
1.º-sarg. CM Joaquim da Encarnação Correia, em 31/10/75.
1.º-sarg. C Róger António Cardoso, em 31-10-75.
1368/Cabo CM José Vitorino Mendes, em 28/10/75.
1424/Cabo A José Domingos Chamorrinha, em 30-10-75.
2816/Cabo CM Manuel Rosa da Silva, em 30-10-75.

APOSENTAÇÕES

Em 30-11-75:
Américo de Amaral Fonseca e José Martins Baptista, chefes do Corpo de Polícia Marítima.
Luís Maria Antunes e Manuel Matos dos Santos, chefes do Corpo de Polícia dos Estabelecimentos de Marinha.
Manuel Ferreira Elias, subchefe do Corpo de Polícia Marítima.
Carlos de Abreu Creio, Carlos Amorim de Azevedo Franco e Narciso Augusto Rodrigues da Cruz, subchefes do Corpo de Polícia dos Estabelecimentos da Marinha.
António Joaquim Leal Vaz, Arnaldo Ferreira Gonçalves, David de Brito, Imbriano de Almeida Nogueira e Manuel Vitorino Ribeiro, agentes de 1.ª classe do Corpo de Polícia Marítima.
José Fernando Sousa da Rocha e João de Loureiro, agentes de 1.ª classe do Corpo de Polícia dos Estabelecimentos de Marinha.
Manuel Rodrigues Morais, Lázaro Martins, João Evangelista Beja, António Ferreira Bajouca, Manuel José Fernandes e António Mário de Oliveira Mendes, cabos-de-mar de 1.ª classe.
Jorge Gaia Gonçalves, agente de 2.ª classe do Corpo de Polícia dos Estabelecimentos de Marinha.

FALECIMENTOS

É com desgosto que anunciamos o falecimento dos seguintes camaradas, a cujas famílias apresentamos sentidas condolências:

1.º-sarg. FZ José Saraiva Valadeiro, em 29-11-75.
856/1.º-desp. RA Manuel da Silva Pinheiro, em 13-10-75.
1945/1.º-desp. RF Aníbal da Costa Mariano Ribeiro, em 15-10-75.
1013/Cabo M Manuel Abel, em 20-10-75.
1443/1.º-cr. RA Avelino da Cunha, em 14-10-75.
Henrique Guerreiro Afonso, primeiro-faroleiro do Q. P. C. M.M., em 11-1175.

CAPA DO N.º 51

A fotografia da capa do n.º 51 da nossa Revista saiu ao contrário. O facto, de que pedimos desculpa, foi devido a ser o diapositivo uma reprodução, o que frequentemente induz em erro. Consola-nos a ideia que Luanda é sempre bonita, seja qual for o ângulo por que seja vista...

Curiosidades

DO MUNDO ANIMAL

– O maior e mais pesado animal do mundo, e provavelmente a maior criatura que já existiu, é a baleia azul. A maior foi desembarcada na Geórgia do Sul em 1912. Tinha 33,58 m de comprimento. Outro exemplar, fêmea, ali desembarcado em 1931, calcula-se ter pesado em vida 177 toneladas. A língua e o coração de uma baleia azul, de 26,7 m de comprimento, pesaram respectivamente 4029 e 698,5 kg.

– O animal mais alto, é a girafa que, actualmente apenas se encontra nas savanas e semi-desertos de África, ao sul do Sahara. A mais alta até hoje conhecida foi recebida num jardim zoológico inglês em 1959, ida do Kénia. A sua cabeça ia a 6,09 m de altura.

– O animal mais comprido, até hoje conhecido, é uma alforreca que se encontra no NW do Atlântico. Um espécime apanhado na Baía de Massachusetts em 1915 media 2,29 m de diâmetro, no corpo, e 36,5 m de comprimento de tentáculos.

– O animal de vida mais longa é a tartaruga. A idade mais alta atingida por um desses animais foi de mais de 152 anos – oferecida pelo cavaleiro de Fresno à guarnição de Port Louis, em 1766. Esta tartaruga cegou em 1908 e foi morta acidentalmente

em 1918. Um outro exemplar, oferecido pelo capitão James Cook ao primeiro rei de Tonga, em 1773, parece ter vivido mais de 200 anos, não havendo, no entanto, documentos comprovativos.

– O animal mais rápido é uma ave cujo nome científico é «Chaetura Caudacuta», reportada na URSS como tendo atingido 171 km/hora. Há notícia de aves mais rápidas mas não homologadas.

– A cobra mais comprida e mais pesada é a «anaconda» que vive nas regiões tropicais da América do Sul. A maior, foi provavelmente a que foi atingida a tiro, na Colômbia, em 1944. Media 11,43 m e devia pesar 454 kg. Conseguiu recuperar dos ferimentos e fugiu.

– A cobra mais velha atingiu 37 anos, 1 mês e 2 semanas. Era uma «boa» que viveu no jardim zoológico de Filadélfia e morreu em 1974.

– A cobra mais rápida é a «mamba preta». Uma delas, irritada, atingiu 11 km/hora, no Kénia.

– A cobra mais venenosa é uma cobra de mar. O seu nome científico é «hidrophis becheri» e abunda no Mar de Timor. Em terra, a mais venenosa encontra-se nas ilhas Canguru e no sul da Austrália. O seu nome científico é «notechis ater niger».

– Estima-se em 30 000 a 40 000 o número de pessoas que morrem anualmente, devido a mordeduras de cobra (excluindo chineses e russos). Setenta e cinco por cento destas mortes ocorrem na Índia.

DO MUNDO VEGETAL

– A maior videira conhecida foi plantada em 1842 em Coupinteria, Califórnia. Por volta do ano de 1900 produzia mais de 7 toneladas de uvas e nalguns anos chegou a produzir mais de 9. Secou em 1920.
Na Inglaterra há uma videira, plantada em 1768, conhecida por «Great vine». É alimentada por terra especial e tem ramos que atingem 33,5 m de comprimento. Vive nos jardins de Hampton Cout e já houve um ano em que produziu 545 kg de uvas. O seu tronco tem 96,5 cm de diâmetro.

– A maior árvore do mundo vive na Califórnia. É uma sequoia gigante a que puseram o nome de «General Sharmam». Tem 83 m de altura e um diâmetro de 24,11 m. Tem madeira suficiente para fazer 5 000 000 000 de fósforos. Em 1968 estimava-se o seu peso em 2030 toneladas.

CURIOSIDADES NAVAIS

– A evolução de tonelagem dos navios tanques é a seguinte:
1900 – maior - «Tuscarara» (Ingl.) - 8000 ton.
1925 – maior - «Charles Black» (Ingl.) - 22 135 ton.
1950 – maior - «Bulktrader» (USA) - 30 004 ton.
1975 – maior - «Globtik London» (Jap.) - 483 939 ton.
Prevê-se que até ao ano 2000 a tonelagem atinja 770 000 ton. que é o limite estabelecido por acordo internacional.

(Elementos colhidos no «Guinness Book of Records», pelo com. M. do Vale)

Filatelia

NOVOS SELOS PORTUGUESES

As duas séries que reproduzimos foram postas a circular no mês de Novembro passado. A primeira, magnífica sob todos os aspectos, assinala a passagem do 1.º centenário da Sociedade de Geografia de Lisboa, apareceu no dia 19 e é, efectivamente, um conjunto de rara beleza e simbolismo.

A Sociedade de Geografia de Lisboa é uma instituição que se ocupa de ciências geográficas nos seus variados campos de actividade e tem ao longo da sua existência marcado presença honrosa entre as suas congéneres estrangeiras. A Armada tem estado sempre a ela ligada, já que muitos dos seus homens ilustres contribuiram largamente para o prestígio que a nossa Sociedade de Geografia desfruta no mundo. É grande a lista de nomes de marinheiros que marcaram destacada posição no seu seio, de entre os quais nos permitimos distinguir o de Gago Coutinho, desde muito

novo nomeado seu sócio activo e que, ao falecer, lhe legou documentos, instrumentos e objectos pessoais que muito enriqueceram o já precioso património da benemérita instituição.

A outra, foi posta em circulação no dia 28. É comemorativa do Ano Europeu de Protecção do Património Arquitectónico. Apresenta motivos estilizados relacionados com o assunto. É certo que considerando a intenção dos selos, muitos filatelistas são de opinião que os desenhos a utilizar deveriam ocupar-se concretamente da arquitectura portuguesa ao longo dos séculos. Mas, de qualquer modo, há nos exemplares apresentados, algo que encanta e atrai.

Terminamos este apontamento com uma referência muito positiva aos desenhos que ilustram os FDC's que acompanharam as emissões, bem como os carimbos do 1.º dia de circulação, na verdade magníficos.

DIA DO SELO

Como já é de tradição, comemorou-se no passado 1.º de Dezembro o Dia do Selo, fundamentalmente destinado à divulgação e à confraternização dos filatelistas. Tal como nos últimos anos tem sucedido, pese a todas as boas vontades que se congregaram, infelizmente não foi famosa a projecção alcançada. Com efeito, algumas – muito poucas – exposições, mostras e reuniões se realizaram, o que julgamos suficiente para confirmar a nossa opinião. Se de há muito se concluiu não ser este o dia mais indicado, há que alterar a data e há também que se usar processos para que num dos próximos anos – porque não o que agora começou? – se atinjam finalmente os objectivos desejados, sem dúvida do maior interesse para a filatelia e para os filatelistas portugueses. Que tal aconteça, são os nossos votos de início do ano.

EM ORGANIZAÇÃO UMA EXPOSIÇÃO FILATÉLICA NO CLUBE DO SARGENTO DA ARMADA

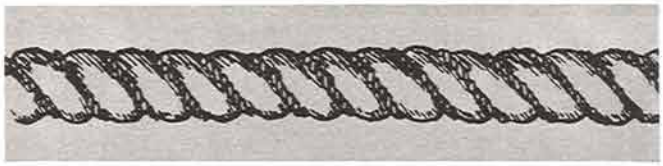
Dentro do programa das suas actividades culturais, a Direcção do Clube do Sargento da Armada (C. S. A.) está a organizar uma exposição filatélica, a qual terá lugar nos salões da sua sede no mês de Fevereiro próximo, por ocasião da comemoração do 1.º aniversário da agremiação.

Quaisquer informações poderão ser obtidas junto da Direcção do C. S. A., no Largo Trindade Coelho, 21-2.º, em Lisboa, ou pelo telefone 36 27 92.

G. Brandão
2.º-ten. SG

Terminologia Naval

ENGAIAR – Preencher com merlim, linha ou fio a cocha de um cabo com o fim de o embelezar, proteger da humidade ou para lhe dar superfície mais lisa com vista à sua forração.



ENGASGAR – Ligar ou prender-se qualquer objecto a um cabo a fim de o impedir de correr no olhal, gorne ou qualquer buraco por onde passe.

ENGASGAR-SE NA BARRA – Enrascar-se o navio na barra sem que lhe restem quaisquer possibilidades de se safar.

ENGOLIR – Entrar qualquer corpo estranho num gorne, impedindo o cabo de correr; entrar a haste do ferro no escovém.

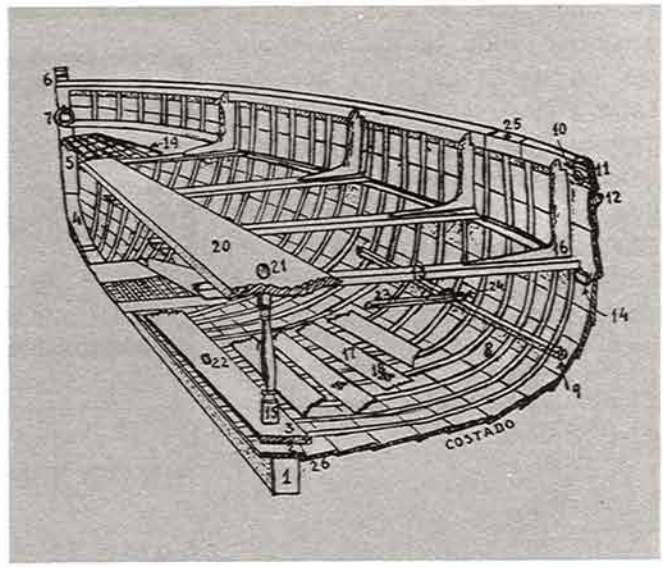
ENRAMAMENTO – Conjunto de cabos pertencentes a um mastro destinado a aguentá-lo ou para servir na manobra de pesos.

ENRASCAR – Embaraçarem-se cabos, velas, bandeiras ou toldos; atrapalhar, criar dificuldades.

ENROCAMENTO – Protecção com pedras e blocos de cimento a um molhe, com colocação na base deste.

ENSACAR – Ser o navio arrastado pelos ventos ou corrente para dentro de uma linha definida pelas pontas de uma enseada, baía ou qualquer concavidade da costa.

ENORA – Abertura circular nos pavimentos para dar passagem ao mastro que vai assentar na carlinga; nas embarcações miúdas esta abertura é feita na meia-coxia ou bancada.



20 – Meia coxia, 21 – Enora.

ENSAIO DE MANTA – Termo de calão significando a sova aplicada a uma pessoa depois de ter sido prévia e rapidamente envolvida numa manta de forma a não poder reconhecer os agressores; prática caída em desuso, era normalmente aplicada a seguir à fachina de macas.

S. Elpídio
Cap.-frag. AN

O 2.º ALISTAMENTO DE ALUNOS MARINHEIROS DE 1939 CONFRATERNIZOU

Como vem sendo habitual todos os anos, os antigos alunos marinheiros do 2.º alistamento do ano de 1939 reuniram-se num almoço de confraternização que decorreu no dia 2 de Novembro findo, em Vila Praia de Âncora.

Foi anfitrião da confraternização o ex-aluno Vasco Moreira, estabelecido naquela localidade, que, depois de saudar os seus antigos camaradas, evocou a memória dos «filhos da Escola» já falecidos e do contra-almirante Ramos Pereira, figura de grande prestígio na Armada e de relevo na terra de sua naturalidade — Vila Praia de Âncora — pelos quais foi guardado um minuto de silêncio.

O repasto decorreu animadamente, tendo sido recordados com saudade, pelos 24 presentes dos 150 alunos que formaram aquela «Escola», os bons momentos passados na Marinha de Guerra.

O SECRETARIADO DO MFA DA ARMADA DÁ CONFERÊNCIA DE IMPRENSA

No passado dia 6 de Novembro teve lugar no Palácio do Alfeite, na Base Naval de Lisboa, uma conferência de imprensa subordinada ao título «O associativismo na Armada».

O encontro, promovido pelo Secreta-

riado do MFA da Armada, com os órgãos da Informação teve por base a necessidade sentida de se esclarecerem certos pontos da vida da Armada, entre os quais avultam a unidade e coesão e o problema da disciplina entre os componentes da Corporação.

PLENÁRIO DOS OFICIAIS DA ARMADA

No dia 14 de Novembro teve lugar na Escola Naval um plenário dos oficiais da Armada para votação dos membros componentes da Comissão Técnica.

Os resultados da votação, com elevado número de abstenções, traduziram-se do seguinte modo:

Marinha: Cap.-frag. Loureiro Barbosa e 1.º-ten. Santos Gomes.

Engenheiros Construtores Navais: Cap.-frag. ECN Falcão de Campos e 1.º-ten. ECN Ferreira da Silva.

Médicos Navais: Cap.-m.-g. MN Cabral de Abreu e 1.º-ten. MN Rodrigues de Abreu.

Farmacêuticos Navais: Cap.-ten. FN Duarte Pires e 1.º-ten. FN Amaral Alegria.

Engenheiros Maquinistas Navais: Cap.-m.-g. EMQ Mesquita Dias e 1.º-ten. EMQ Leal Martins.

Administração Naval: Cap.-frag. AN Gonçalves da Silva e 1.º-ten. AN Nunes da Cruz.

Engenheiros de Material Naval: Cap.-frag. EM Palma Ruivo e 1.º-ten. EM Ferreira Neto.

Serviço Geral: Cap.-ten. SG Curado Chaveiro e 1.º-ten. SG Gomes Ferreira.

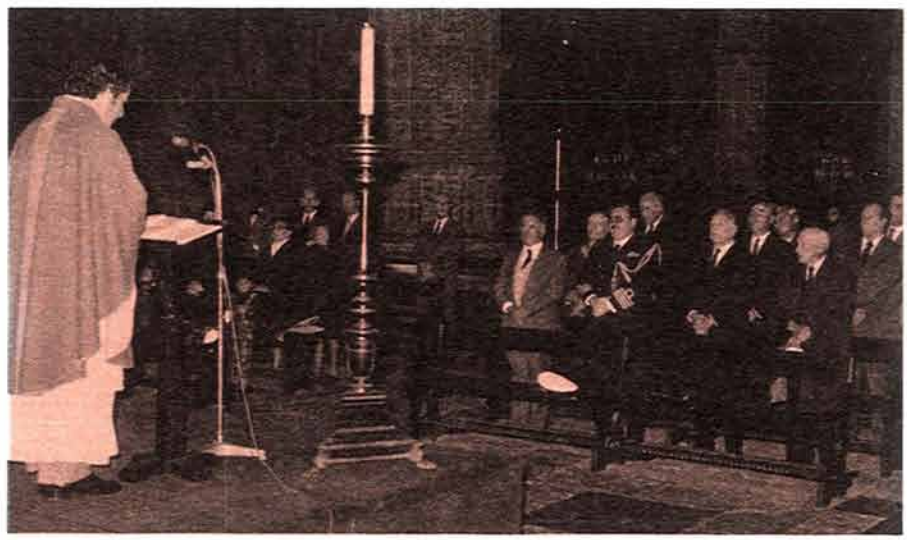
Serviço Especial: 1.º-ten. SE Pereira de Mendonça e 2.º-ten. SE Mendes Carreira.

Fuzileiros: 1.º-ten. FZ Teixeira Rodrigues e 1.º-ten. FZ Lopes Fernandes.

HOMENAGEM AOS MORTOS DA AVIAÇÃO NAVAL

Promovido pelo Grupo de Trabalho encarregado de organizar a Secção de Aviação Naval do Museu de Marinha, realizou-se no dia 15 de Novembro findo a cerimónia evocativa dos que tombaram voando, ao serviço da Aviação Naval que, o mesmo é dizer, ao serviço da Marinha e da Pátria. Celebrou-se missa na Igreja dos Jerónimos seguida de deposição duma coroa de louros junto da placa com os nomes dos mortos, no Museu de Marinha.

Nesta última cerimónia, pronunciou breves palavras, explicando o seu significado, o capitão-de-mar-e-guerra Joaquim Trindade dos Santos, membro do Grupo de Trabalho.



Estiveram presentes os superintendentes dos Serviços do Pessoal e do Material da Armada, o director do Museu e vários oficiais da extinta Aviação Naval. De salientar também a presença amiga do comandante Medeiros de Figueiredo, adido naval junto da Embaixada do Brasil.

Tal como no ano passado, poucas foram as pessoas que acorreram ao con-

vite para assistir às cerimónias.

Será que os mortos, mesmo os que estarão sempre vivos na história da Aviação Naval e da Marinha, estão esquecidos? Ou será que as coisas do espírito já não interessam? Responda quem souber...

Transcrevemos algumas passagens da brilhante homilia do capelão graduado em 1.º-tenente Delmar Barreiros, que foi o celebrante da missa:

«(...) **Porquê no dia 15 de Novembro?**

«Não sei se justifique a escolha desta data em tom magoado, próprio de quem tudo perdeu e nada espera ou se em tom exaltado, próprio de quem sabe e acredita que nunca a morte destrói os heróis.

«Na verdade foi no dia 15 de Novembro de 1924 que desapareceu nas águas do Mar do Norte a figura de Sacadura Cabral. Mas se é certo que a Pátria perdia um dos seus filhos mais valorosos, é certo também que as páginas da história contavam com mais um herói.

«Se é certo que a arte de navegar perdia um dos seus mestres, é certo também que as suas lições jamais deixariam de se perpetuar.

«Se é certo que a Aviação Naval chorava o mais lídimo dos seus pares, é certo também que ela própria enaltecia a sua memória para sempre.

«Os heróis não se choram, cantam-se.

«E mais que chorar a sua perda nós viemos aqui cantar a sua memória.

«Não duvido de que Sacadura Cabral seria um dos varões assinalados cantados por Camões na sua epopeia se tivesse precedido este.

«Razão tinha um célebre orador sacro, em 1922, aquando das celebrações nacionais da travessia do Atlântico, ao começar o seu panegírico com estas palavras:

«Acorda, Camões, acorda.

«Acorda, Camões, acorda e vem cantar de novo as glórias da tua Pátria!

«Acorda, Camões, acorda e vem cantar de novo os feitos Lusitanos!

«Acorda, Camões, acorda e vem tu próprio cantar a figura de Sacadura Cabral.»

«Acorda, Camões, acorda e vem tu próprio cantar os filhos ilustres que pertenceram à gloriosa Aviação Naval.

«Sim, meus senhores, seria necessário ter a inspiração do vate lusitano para cantar os feitos destes homens a quem, não faltando dote e ciência, não faltando arrojo e coragem, não faltando amor e dedicação heróica pela Pátria souberam elevá-la a maior glória, e souberam afirmar-se como verdadeiros filhos àcerca dos quais o referido vate poderia com razão cantar: «Ditosa pátria que tais filhos tem».

«Mas, meus senhores, o perigo das pátrias nunca será a ausência de poetas. O perigo das pátrias terá de residir na ausência de heróis.

«Porque quando há heróis os poetas surgem, pois poeta será o próprio povo. O povo cantará os seus filhos, o povo celebrará os homens grandes, o povo honrará os seus heróis.

«Após cinquenta e um anos decorridos sobre a morte de Sacadura Cabral, bem desejaria eu, e isso mesmo eu rogo a Deus, que surjam nesta pátria, que floresçam neste país muitos heróis como Sacadura Cabral e os poetas seremos nós, será todo um povo que não deixará de os vitoriar.

«E fazendo este voto e esta prece ao céu não queria finalizar sem dirigir uma palavra de louvor ao Grupo de Trabalho da Aviação Naval que promoveu esta cerimónia e ainda uma palavra de incitamento para que continuem no firme propósito de homenagear os seus heróis.

«Glória, pois, aos de ontem, aos de hoje e aos de sempre, que trabalharam e que trabalham por dignificar a Pátria e o povo a que pertencem.»

A NOVA CORVETA «OLIVEIRA E CARMO» CHEGOU AO TEJO

Comandada pelo capitão-tenente Pessoa Brandão, chegou ao Tejo, no dia 16 de Novembro último, a nova corveta «Oliveira e Carmo», a qual tem uma guarnição de 6 oficiais, 16 sargentos e 80 praças.

Esta unidade — a última de uma série de quatro —, construida nos estaleiros da Empresa Nacional Bazán de Construcciones Navales Militares, de Cartagena, foi entregue à Armada Portuguesa no passado dia 28 de Outubro.

Ao acto de entrega, a que assistiram individualidades navais espanholas, Portugal esteve representado pelos capitão-de-mar-e-guerra ECN Pinto Vilela, da Direcção das Construções Navais, e capitão-de-mar-e-guerra Cunha Freitas, adido naval à Embaixada de Portugal em Madrid.

FUZILEIROS EM EXERCÍCIOS NA SERRA DA ARRÁBIDA

Em vários dias de Novembro último, diversas companhias da Força de Fuzileiros do Continente efectuaram na região desabitada do Fojo, na Serra da Arrábida, exercícios de fogos reais e de treino operacional.

Durante estes exercícios foram experimentados dois novos carros de combate «Chaimite», recentemente distribuídos àquela Força, e que vêm equipados com armamento e instrumentos diferentes dos antigos carros.

VISITA A PORTUGAL DO COMANDANTE SUPREMO ALIADO DO ATLÂNTICO NORTE

Chegou a Lisboa em 17 de Novembro o almirante Isaac Kid Jr., comandante supremo aliado do Atlântico Norte que, pelo facto de ter assumido recentemente estas funções, se deslocou ao nosso país em visita de cortesia, durante a qual apresentou cumprimentos ao chefe do Estado Maior da Armada, contra-almirante Filgueiras Soares.

CHEGOU A LISBOA O PESSOAL DA ARMADA QUE SERVIA EM ANGOLA

O pessoal da Armada que prestava serviço em Angola, nomeadamente no Comando Naval, na Direcção dos Ser-

viços de Marinha, nas Companhias de Fuzileiros n.ºs 5 e 12 e no Destacamento de Fuzileiros Especiais n.º 1, embarcou, após as cerimónias do arriar da bandeira portuguesa na fortaleza de S. Miguel, em Luanda, no dia 10 de Novembro passado, nas fragatas «Comandante Hermenegildo Capelo» e «Comandante Roberto Ivens», na corveta «General Pereira d'Eça, no petroleiro «S. Gabriel», no navio-hospital «Gil-Eanes» e nos paquetes fretados «Uige» e «Niassa», que aos primeiros segundos do dia 11 rumaram a Lisboa, onde chegaram nos dias 22 e 23 do referido mês.

No paquete «Niassa» viajou o contra-almirante Leonel Cardoso, que desempenhou, até à data da independência de Angola, as funções de alto-comissário do Governo Português naquela antiga colónia.

SESSÃO NO CENTRO DE ESTUDOS DE MARINHA

Decorreu no dia 19 de Novembro nas instalações do Museu de Marinha, em Belém, uma sessão promovida pelo Centro de Estudos de Marinha em que foi apresentada pelo dr. Luís Filipe Reis Thomaz, membro cor-

respondente da Secção de História Marítima, uma comunicação subordinada ao tema «Aspectos da vida marítima em Timor».

A sessão foi presidida pelo presidente do Centro de Estudos de Marinha, sendo a mesa composta pelos presidentes e secretários das várias Secções daquele organismo cultural da Armada.

Na assistência viam-se muitos académicos, entidades civis e militares e outros convidados.

Durante a comunicação, na qual intervieram o dr. Pimentel Barata e o capitão-de-mar-e-guerra Teixeira da Mota, foram projectados um filme sobre a caça e pesca em Timor e dispositivos ilustrativos do motivo desta conferência.

(Foto gentilmente cedida pelo «Jornal Novo»)

O VICE-ALMIRANTE SOUTO CRUZ É O NOVO CHEFE DO ESTADO MAIOR DA ARMADA

No passado dia 29 de Novembro, na Casa da Balança e na presença de algumas centenas de oficiais da Armada, o general Costa Gomes, Presidente da República e chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, conferiu posse ao novo chefe do Estado Maior da Armada, vice-almirante Souto Cruz.

Assistiram à cerimónia o Primeiro-Ministro, vice-almirante Pinheiro Azevedo; o chefe do Estado Maior da Força Aérea, general Morais e Silva; um representante do chefe do Estado Maior do Exército; o comandante da Região Militar de Lisboa, brigadeiro Vasco Lourenço; outros conselheiros da Revolução e membros do Governo.

Às palavras de posse proferidas pelo general Costa Gomes respondeu o vice-almirante Souto Cruz, longamente ovacionado no final da sua alocução em que se referiu particularmente ao compromisso da Armada em prosseguir com a revolução que se pretende socialista, pluralista e em liberdade, para bem do povo português, para uma sociedade melhor e mais justa, e em que todos tenham o direito legítimo à vida e à dignidade.

Quarto de Folga

UMA HISTÓRIA VERDADEIRA

Passou-se por volta de 1952, a bordo de um contratorpedeiro tipo «Vouga».

São seus protagonistas, o Imediato – então capitão-tenente e hoje oficial general na Reserva – e uma praça da guarnição. A história mostra bem o espírito de compreensão e bom humor que se vivia a bordo dos nossos navios de guerra.

A referida praça era useira e vezeira em pedir licenças extraordinárias. Julgava ele que o Imediato, assoberbado com os inúmeros problemas diários próprios do seu «ofício», não se dava conta do abuso. E, umas vezes porque lhe tinha morrido a avó, outras um tio, outras um cunhado... lá ia abichando a almejada licença.

Até que um dia...

– Dá licença, senhor Imediato? – pediu ele à porta do camarote.

– Diga. – respondeu aquele, olhando-o de soslaio.

– Era para ver se o senhor Imediato me deixava ir à terra porque morreu o meu irmão... coitadinho...

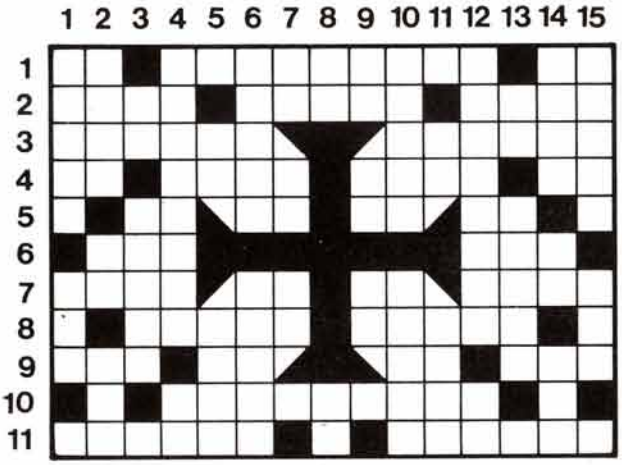
– Realmente és muito infeliz... Ainda tão novo e já quase não tens ninguém de família...

Já cá «canta» a licença, pensava a praça...

– Tenho muita pena... – concluiu o Imediato – Mas olha, de futuro só terás licença para ires a mais um funeral... o teu!

José Victorino Mendes
(«Mano Zé»)
Cabo CM

PALAVRAS CRUZADAS



(Solução na página n.º 34)

HORIZONTAIS: « – Eles; do Ocidente; oferece. 2 – Filho de Eva; limpar com areia; pronome indefinido. 3 – Grande general cartaginês; coloca assinatura. 4 – Apenas; gracejavas; quis muito; pref. de direcção. 5 – A mim; crença; batráquio; porco. 6 – Filtra; nome de mulher. 7 – Gosta; letra grega; s.q. do estanho; Manuel (fam.). 8 – Ara; prejudicar. 9 – Pronome pessoal; seguia; nota musical; nome de homem. 10 – Quarta parte do ano. 11 – Capital europeia; do ar.

VERTICAIS: 1 – Pôr do Sol; pronome relativo. 2 – Resolvo; s.q. do cobre; obrigação. 3 – Dois; parte musculosa constituinte do estômago. 4 – Suportara; consoantes de tubo. 5 – Nesse lugar; volto. 6 – Dizei algo (inv.); areal. 7 – Doutor (abrev.); catedral; seguia. 8 – Vogal dobrada; pertences. 9 – Em a; atmosfera; consoantes de selo. 10 – Urde na sombra; em esta. 11 – Pronome reflexo; título de senhores feudais. 12 – Habitante da Lusitânia; terminação dos verbos da 2.ª conjug. 13 – Mil e um; sobrecarrega. 14 – Enraivece; antes de Cristo; água corrente. 15 – Com asas; acolá.

A. Fardilha
Ex-mar. L

N.R.: No presente problema o leitor encontrará, depois de resolvido, o segundo verso da primeira estrofe de «Os Lusíadas».

ARITMOGRAFIA

Complete os espaços em branco com os algarismos correspondentes aos cálculos aritméticos a que respeitam os totais mencionados na coluna da direita e na linha de baixo.

M. Horta
Sarg.-aj. L

(Solução na pág. 34)

9	-		-		x		=6
-	■	+	■	+	■	x	■
	+		-		+		=6
+	■	-	■	-	■	x	■
	+		+		:		=6
-	■	-	■	+	■	:	■
	-		+		+		=6
=6	■	=6	■	=6	■	=6	■

SABE?

1 – As ilhas Flores e Corvo foram descobertas por:
Gonçalo Velho Cabral
Bartolomeu Perestrelo
Diogo de Teive

2 – O metal melhor condutor do calor é:
O cobre
A prata
O ouro

3 – O inventor do nónio foi:
Cristóvão Colombo
Jaime de Maiorca
Pedro Nunes

4 – O primeiro navegador português que partiu à descoberta com a embarcação tipo «caravela», foi:
Diogo Gomes
Nuno Tristão
António de Nola

5 – O segundo-tenente Francisco Xavier Auffdiener comandava os navios que, pelo lado liberal, durante a ocupação miguelista, se apoderaram da ilha:
Da Madeira
S. Jorge
Pico

6 – O «Judeu», «Corja» e «Eusébio Macário» são obras escritas por:
Eça de Queiroz
Alves Redol
Camilo Castelo Branco

7 – O Everest, monte mais alto do Mundo, fica situado na cordilheira:
Dos Andes
Do Himalaia
Dos Alpes

8 – A televisão foi descoberta por:
John Logie Baird
Willonghby Smith
Campbell Swinton

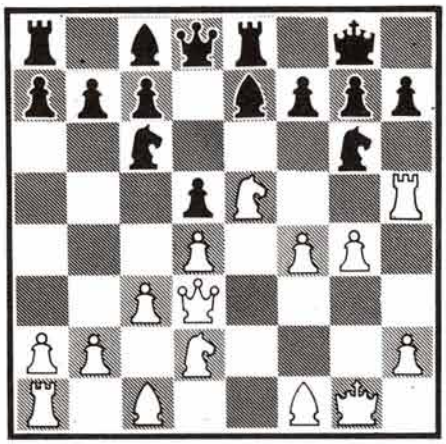
9 – Durante o período de 28 de Maio de 1926 a 25 de Abril de 1974, entre os grandes nomes candidatados à Presidência da República por parte da oposição, um era oficial da Marinha:
Norton de Matos
Quintão Meireles
Arlindo Vicente

10 – Madame Curie, que com seu marido, Pierre Curie, descobriu o rádio, era:
Austríaca
Polaca
Francesa

SEASA
Cabo aux.

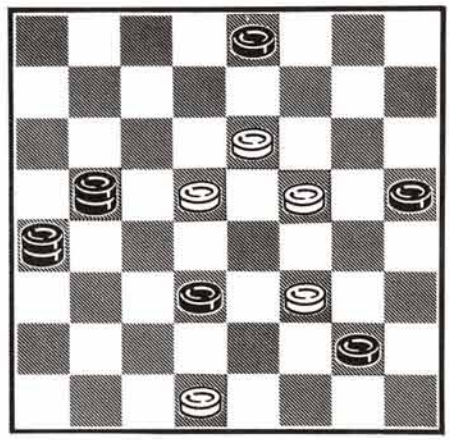
(Solução na pág. 34)

XADRES *(Solução na pág. 34)*



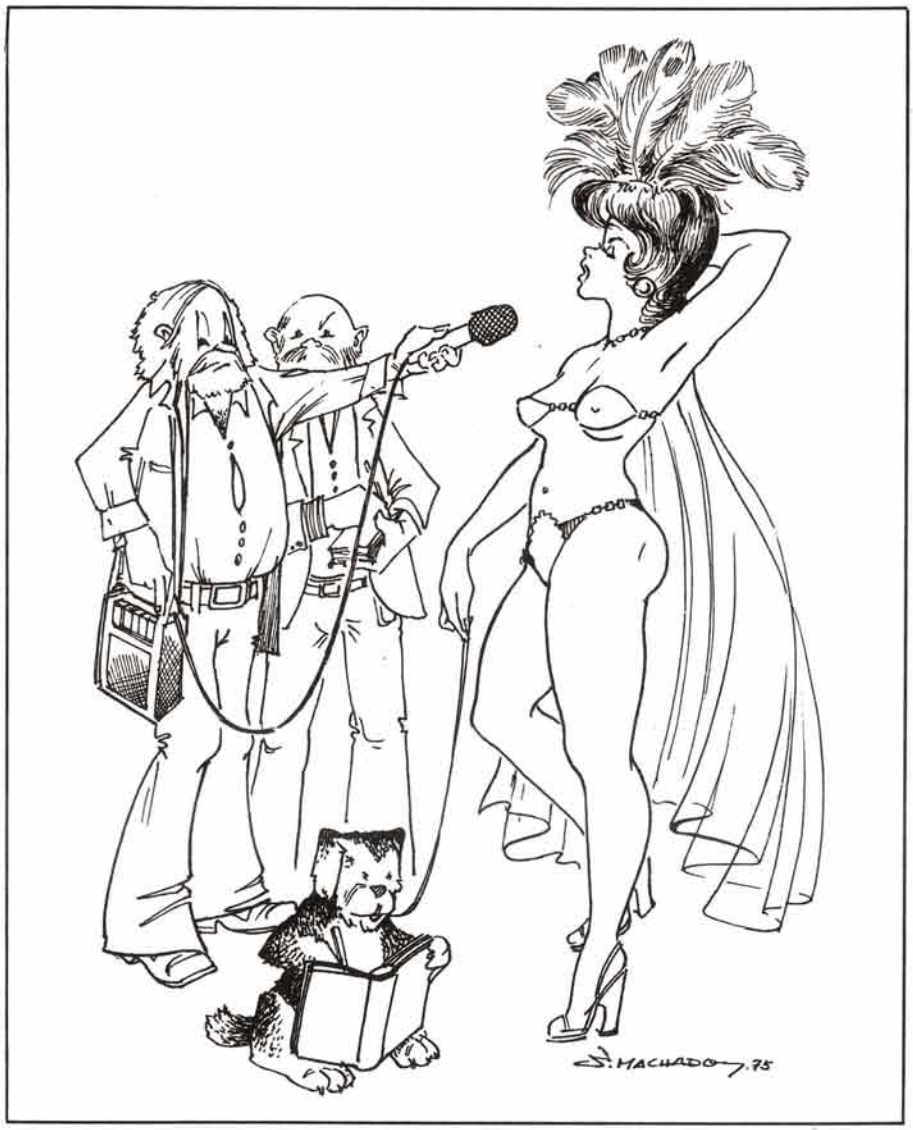
O cavalo V em d2 joga para C4. O peão preto come o cavalo. Como vão ganhar as brancas?

DAMAS



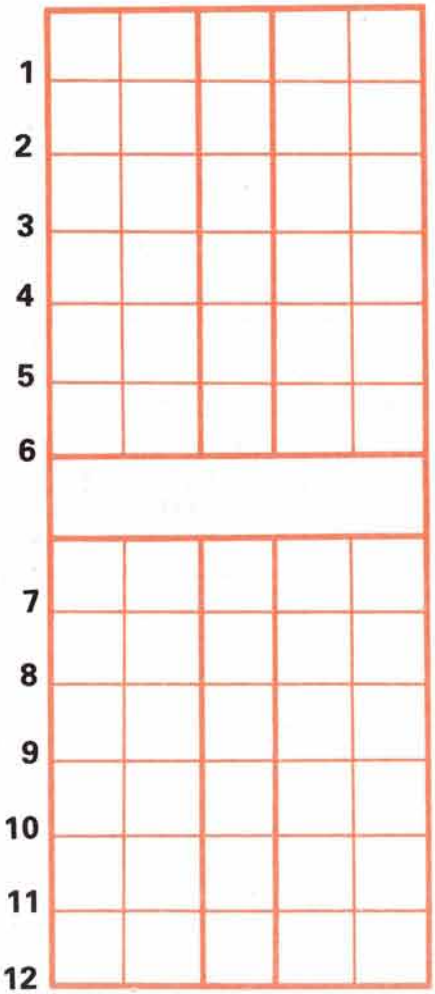
PROBLEMA: Jogam as brancas e ganham:

(Solução na pág. 34)



– Na verdade, o cãozinho não fala; eu é que sou ventríloqua. Ele apenas me ajuda a escrever os diálogos...

PILHA DE PALAVRAS



1 – Manelo. 2 – Gáspea. 3 – Pers-picaz. 4 – Mosca. 5 – Praia. 6 –Soprar. 7 – Carícia. 8 – Robusto. 9 – Dor. 10 – Avivar. 11 – Vértebra. 12 – Rebocar.

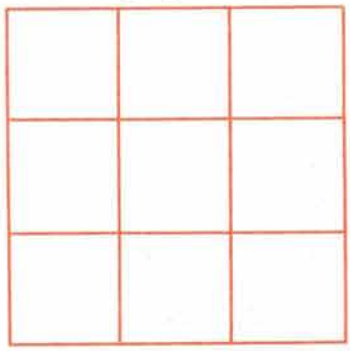
Depois de resolvido este passatempo, na coluna central, o leitor encontrará o nome de um célebre pintor e escultor italiano a quem se deve a Cúpula de S. Pedro de Roma e os frescos da Capela Sistina. Este problema tem a particularidade de as palavras se iniciarem pela letra «A».

Basto Carreira
Cap.-m.-g.

CONCURSO N.º 52

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

(O nosso leitor Santos Soares, mar. A n.º 814/70, enviou-nos este «Quadrado Mágico» que diz ter sido descoberto no século XVI pelo matemático grego Moscopolos)



Pede-se ao leitor que preencha as nove casas do «Quadrado Mágico» com algarismos de 1 a 9, inclusive, sem os repetir, de forma que os resultados das somas horizontais e verticais seja 15.

SOLUÇÕES

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Os; ocidental; dá. 2 – Caim; arear; umas. 3 – Aníbal; Assina. 4 – Só; rias; amei; ad. 5 – Me; fé; rã; tó. 6 – Coa; Ana. 7 – Quer; pi; Sn; Neca. 8 – Lavra; lesar. 9 – Ela; ia; si; Ari. 10 – Trimestre. 11 – Lisboa; aéreos.

VERTICAIS: 1 – Ocaso; que. 2 – Sano; Cu; lei. 3 – II; moela. 4 – Ombreara; tb. 5 – Aí; viro. 6 – Ialaf; praia. 7 – Dr; se; ia. 8 – Ee; es. 9 – Na; ar; sl. 10 – Trama; nesta. 11 – Se; sire. 12 – Lusitana; er. 13 – MI- onera. 14 – Dana; aC; rio. 15 – Asada; ali.
(«Que da ocidental praia Lusitana»).

XADREZ

Brancas	Pretas
1. Dxg6	Pxg6
2. Bxc4/ch	Rf8
3. Cxg6/ch	Pxg6
4. Th8/ch mate	

ou se:

2. Cxg6	Pxg6
3. Bxc4/ch	Rf8
4. Th8/ch mate.	

PILHA DE PALAVRAS

1 – Arméu. 2 – Amito. 3 – Argos. 4 – Aluta. 5 – Areal. 6 – Aplar. 7 – Afago. 8 – Arnaz. 9 – Algia. 10 – Atear. 11 – Atlas. 12 – Atoar. (Miguel Angelo).

DAMAS

Brancas	Pretas
1. 3 – 7	16 – 3 – 13
2. 19 – 23	20 – 27
3. 22 – 31=D	13 – 22
4. 31 – 9 – 2 – 15	e ganham.

ARITMOGRAFIA

Horizontais:	Verticais:
(9–4)–3×3=6	(9–2)+1–2=6
2+8–7+3 =6	(4+8)–5–1=6
(1+5)+6 : 2 =6	(3+7)–6+2=6
2–1+2+3 =6	3×3×2 : 3 =6

SABE?

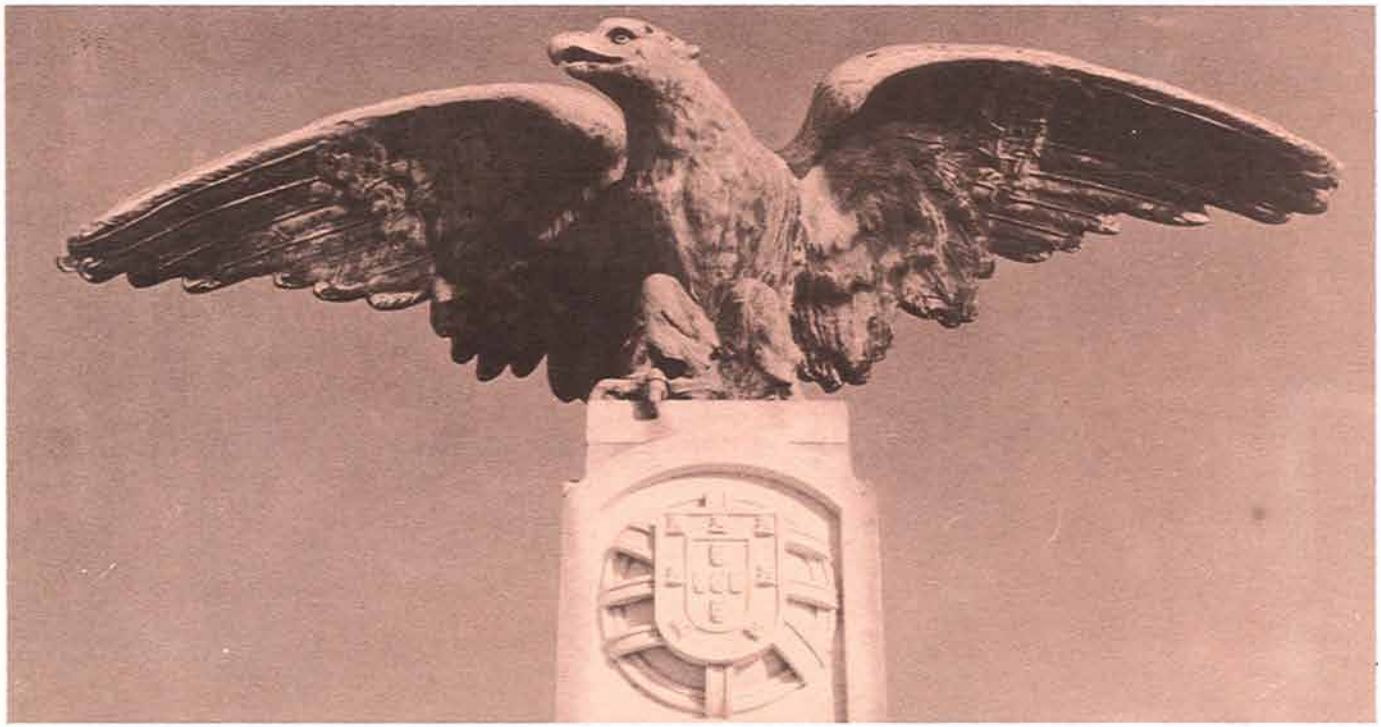
1 – Diogo de Teive
2 – A prata
3 – Pedro Nunes
4 – Nuno Tristão
5 – Pico
6 – Camilo Castelo Branco
7 – Himalaia
8 – John Logie Baird
9 – Contra-almirante Quintão Meireles
10 – Polaca

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 50

Uma série de gralhas inutilizou o concurso n.º 50, as quais tornaram inviável, dentro do esquema pedido, a respectiva solução, que seria: Amazonas, Amur, Yang-tsé, Jenissei, Mackenzie, Mekong, Missuri, Níger, Nilo e Zaire.
No entanto, um concorrente conseguiu decifrar a «charada», pelo que lhe é atribuído o respectivo prémio. Trata-se do contra-almirante Lino Paulino Pereira.

Homenagem aos mortos da Aviação Naval

(Foto do 2.º-sarg. CM Ramiro Magalhães)



Pequeno monumento comemorativo da 1.ª travessia aérea Lisboa-Funchal, feita por aviadores navais, para experimentar os métodos de navegação aérea para a travessia do Atlântico Sul, existente no antigo Centro de Aviação Naval de Bom Sucesso, em Lisboa.

(Foto do c.-alm. Mexia Salema)

Um hidroavião «Grumman», do antigo Centro de Aviação Naval de Bom Sucesso, sobrevoando Ferragudo, Portimão.

(Vide reportagem na pág. 26)

Actividades nas Escolas da Armada

Grupo n.º 2 de Escolas da Armada — Escola de Armas Submarinas — Instrução do sonar DUBA-3A.

Grupo n.º 2 de Escolas da Armada — Escola de Artilharia — Instrução por modernos meios audiovisuais.

(Fotos de A. Fernandes, fotóg. do Gab. de Fotog. do E. M. A.)